

Compendio

de

LITTERATURA



S. PAULO

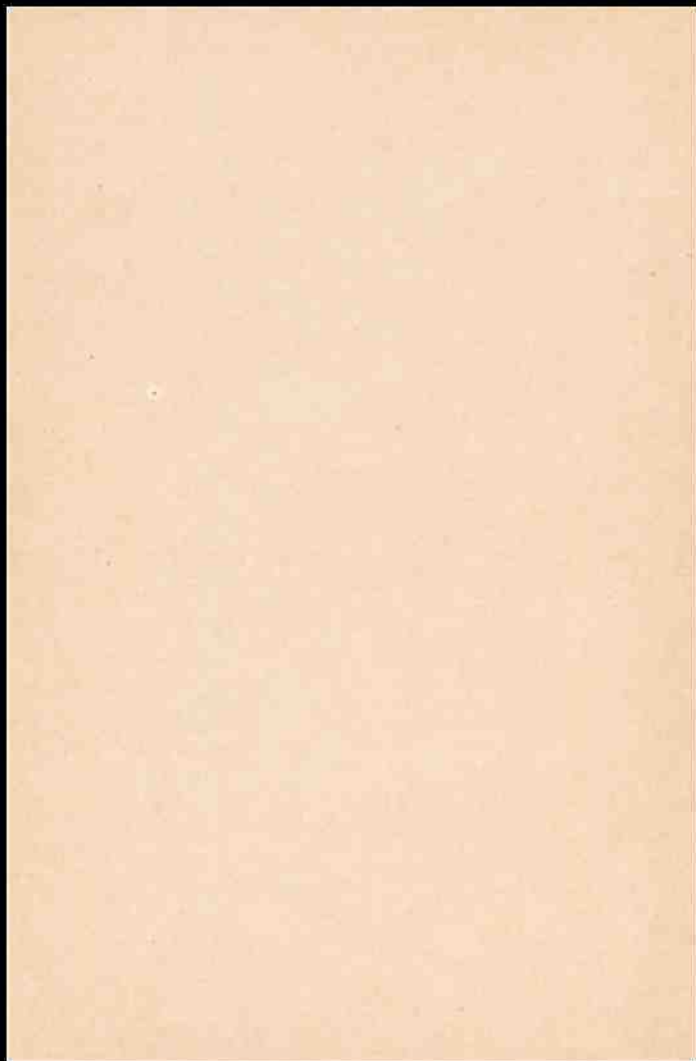
TYPOGRAPHIA DA INDUSTRIAL DE S. PAULO

— 1898 —





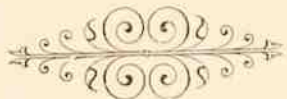




Compendio

de

LITTERATURA

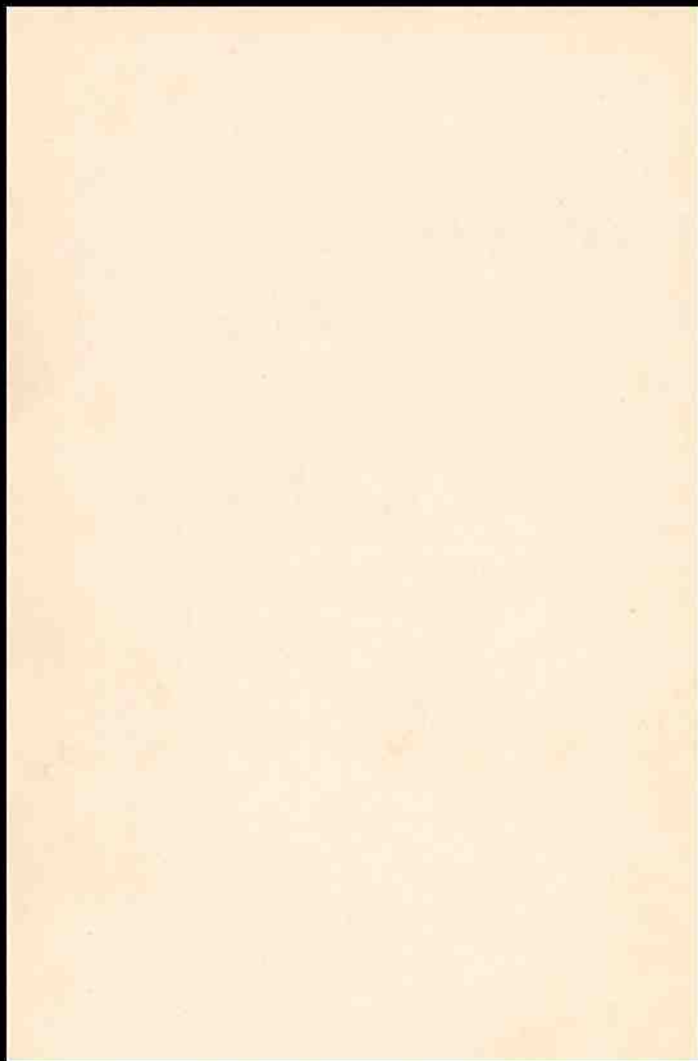


S. PAULO

TYPOGRAPHIA DA INDUSTRIAL DE S. PAULO

-- 1898 --







COMPENDIO
DE
LITTERATURA

P. O que é a Litteratura?

R. A Litteratura é o conhecimento das bellas letras.

P. O que se entende por Bellas Lettras?

R. Entende-se uma reunião de conhecimentos proprios ao aperfeiçoamento do homem, na arte de pensar e escrever com conveniencia e agrado quer em prosa quer em verso.

P. Qual é o objecto da Litteratura?



R. Assim como se vê pelas definições precedentes, a Litteratura tem por objecto a Composição Litteraria.

P. O que é a Composição Litteraria?

R. A Composição Litteraria que é uma obra do espirito produzida pelo talento e regrada pelos preceitos da arte, é uma serie de pensamentos convenientemente expressidos e todos tendentes para um fim unico.

P. Qual é o fim da Composição Litteraria?

R. A Composição Litteraria tem por fim instruir, agradar, divertir ou commover, e ás vezes tende ao mesmo tempo para todos estes resultados.

P. Como se podem encarar as regras relativas á Composição Litteraria?

R. Estas regras sam, ou geraes e applicam-se a todo o genero de composição; ou particulares, e convem ás diversas especies de composição.

P. Então como poderemos dividir tudo quanto temos a dizer relativamente á Composição Litteraria?

R. Dividiremos este tratado em duas



grandes partes, das quaes a primeira comprehenderá as regras geraes e a segunda as regras particulares.

PARTE I

Regras geraes

P. A que referem-se as regras geraes da Composição?

R. Referem-se:

1.^o ás faculdades naturaes necessarias para compôr convenientemente:

2.^o ás qualidades adquiridas, necessarias para dirigir as faculdades naturaes;

3.^o aos elementos geraes da Composição

P. Então como dividiremos esta primeira parte relativa ás regras geraes?

R. A divideremos em tres secções:

A 1.^a comprehenderá as faculdades naturaes e as qualidades adquiridas.

A 2.^a comprehenderá os pensamentos e as imagens.

A 3.^a tratará do Estylo.



SECÇÃO I

Faculdades naturaes. Qualidades adquiridas

P. Quaes são as faculdades naturaes necessarias para a Composição Litteraria?

R. São: o Genio, a Memoria, o Juizo, a Imaginação, a Sensibilidade e o Gosto.

ARTIGO I

Do Genio

P. O que é o Genio?

R. O Genio é uma superioridade de espirito e de talento que faz brilhar n'um genero qualquer.

P. Que differença ha entre o Genio e o talento?

R. O talento é uma disposição particular e habitual que nos torna aptos para darmos ao assumpto que tratamos, ou ás idéas que exprimimos uma forma que a arte approva e pela qual o nosso gosto fica satisfeito. Assim como se vê, o Genio consiste em conceitos novos, em planos vastos, em movimentos patheticos, emquanto que o talento



consiste na ordem, na clareza, na correcção e graça do estylo.

ARTIGO II

Da Memoria

P. O que é a Memoria?

R. A Memoria é a faculdade de conservar e recordar as cousas e as palavras que têm sido apresentadas ao nosso espirito.

P. Será a Memoria necessaria ao Litterato?

R. E' absolutamente necessaria porque o Litterato não pode escrever sem uma multidão de conhecimentos que só a Memoria pode fornecer-lhe.

P. Quaes são as qualidades d'uma bôa Memoria?

R. São:

1.^o a promptidão ou facilidade para receber os thesouros que lhe são confiados.

2.^o a tenacidade ou fidelidade em conserval-os.

3.^o a extensão que conserva muitas cousas ao mesmo tempo;



4.^o a ordem que distingue as idéas umas das outras e as apresenta d'um modo claro.

P. Haverá pessoa que não tenha Memória?

R. Não ha: porque a Memória é uma faculdade inherente ao espirito humano. Mas ella é mais ou menos perfeita em cada um de nós e é susceptivel de muito aperfeiçoamento por um estudo continuo, reflectido e methodico.

ARTIGO III Do Juizo

P. O que é o Juizo?

R. O Juizo é uma faculdade cuja função é discernir a verdade do erro e comprehender a conformidade das ideias os objectos que ellas representam.

P. E' o Juizo necessario ao Litterato?

R. Evidentemente; porque sem o Juizo o Litterato não pode nem raciocinar, nem ligar as ideias entre si, nem saber si estas são conformes com objectos que representam.



P. Como aperfeiçoa-se o Juízo?

R. Pela reflexão e pela leitura dos bons auctores.

ARTIGO IV.

Da Imaginação

P. O que é a Imaginação?

R. A Imaginação é uma faculdade que apresenta debaixo de paineis ou quadros, os objectos do pensamento; a imaginação dá vida e côres a estes quadros tornando o pensamento mais animado; a expressão mais inergica, mais rapida e agradável.

P. Quaes são as qualidades da Imaginação?

R. São:

1.^o a vivacidade, que consiste em apresentar fortemente e em caracterisar perfeitamente os objectos;

2.^o a promptidão, que consiste em apresentar os objectos logo que o espirito quer;

3.^o a extensão, que consiste em apresentar muitos objectos ao mesmo tempo;

4.^o a ordem, que consiste em não con-



fundir os objectos e em apresental-os d'um modo claro.

P. Como aperfeiçôa-se a Imaginação?

R. A Imaginação aperfeiçôa-se:

1.^o Pela reflexão.

2.^o Pela leitura dos bons auctores?

3.^o Pela attenção em se compenetrar vivamente dos objectos capazes de enlevar a alma.

ARTIGO V.

Da Sensibilidade

P. O que é a Sensibilidade?

R. A Sensibilidade é uma disposição natural da alma para receber facilmente as diversas impressões das paixões e a faculdade de reproduzil-as.

P. E' a Sensibilidade necessaria ao Litterato?

R. E' muito necessaria, porque onde não ha Sensibilidade, não ha vida; ha só seccura e aridez. Por isso, quando falta a Sensibilidade, n'uma obra litteraria, esta obra é pouco agradavel e consegue muito mais



difficilmente o seu fim, sobretudo se esse fim é commover ao leitor.

P. Como aperfeiçoa-se a Sensibilidade?

R. Aperfeiçoa-se: 1.º pela reflexão: 2.º pela leitura dos auctores que tiverem particularmente esta qualidade.

P. Podereis citar-nos um exemplo de Sensibilidade?

R. Sem duvida. Ha um exemplo mui tocante na imitação seguinte d'um cantico de David:

*Quanto ao longe em toda a terra,
O' meu Deus e meu Senhor,
Resplandece de teu nome
O magnifico esplendor.*

*Sobre o céu sobe e s'eleva
Tua ineffável grandeza
E por modos mil entôa
Toda a vasta natureza.*

*Os meninos que de leite
Molham os beiços recentes
Suas linguas innocentes
Desatam para louvar-te.
Assim os ímpios confundes
De temor sobresaltados;*



*Teos inimigos se abatem
De teo ser maravilhados.*

*Olho e vejo o sol brilhando ;
Lavor de tuas mãos bellas
Da lua o luzente globo
E as rutilantes estrellas.*

*O que é, meo Deos, o homem
Para d'elle te lembrares
E com dons de tanto preço
Tão pequeno sêr ornares !*

*Quasi igual aos mesmos anjos
O fizeste meigamente ;
Gloriosa, honrada e rãa
Lhe cingiste sobre a frente.*

*De todo o extenso universo
Soberano o declaraste ;
Os bois, as terras ovêlhas
Sob seos pés collocaste.*

*Quantas aves aos céos voam
Quantos peixes que a milhares
Volvem corpos escamosos
Pelos vastos, fundos mares.*

*Tudo, ó Deus, tudo lhe d'este
Como é certo, ó meo Senhor
Que traz luz por toda a terra
De teo nome o esplendor !*



ARTIGO VI
Do Gosto

P. O que é o Gosto?

R. O Gosto, considerado no litterato, é o conhecimento e o sentimento do Bello.

P. Quantas são as especies de Bello?

R. Ha trez especies; 1.^o o Bello essencial, que é Deos mesmo; 2.^o o Bello natural, que é a participação das perfeições divinas espalhadas na natureza; 3.^o o Bello arbitrario, que depende de cada nação, do genio, da lingua, das conveniencias locais.

P. E' por ventura o Gosto igual em todos os homens?

R. Ninguem é completamente desprovido de gosto; porém, os homens possuem esta qualidade d'um modo muito desigual.

P. Como aperfeiçôa-se o Gosto?

R. Aperfeiçôa-se: 1.^o pela reflexão ; 2.^o pela leitura dos bons auctores e estudo dos modelos.



CAPITULO I

Qualidades Adquiridas

P. O que s'entende por qualidades adquiridas?

R. Entendem-se as faculdades naturaes aperfeiçoadas pelo conhecimento das regras.

P. O que são Regras?

R. São preceitos capazes de dirigirem o escriptor nas suas composições, fundadas na observação e na experiencia.

P. Será importante o estudo das Regras?

R. Sim: é muito importante, para quem quer aperfeiçoar seos talentos naturaes e escrever d'um modo capaz de captivar o o espirito e o coração.

P. Quantas são as Regras essenciaes ou fundamentaes?

R. Estas Regras são oito, a saber:

1.^o a clareza, que faz comprehender sem esforço o pensamento exprimido pela palavra.

2.^o a Justeza, que faz dizer o que é preciso e nada mais.



3.^o a Verdade, que consiste na representação exacta dos objectos reaes, verosímeis ou possíveis.

4.^o a Utilidade, que consiste em instrucções salutaes relativamente ás nossas precisões e nossa felicidade.

5.^o a Honestidade, que consiste no respeito para a religião e a virtude; respeito que Deos gravou no coração de todos os homens.

6.^o a Unidade, que consiste em formar um todo unico de partes multiplas e diversas, de maneira, que todas essas partes tendam directa e insensivelmente para um fim commum.

7.^o a Ordem, que consiste na disposição e no arranjo das partes que devem formar o todo d'uma obra.

8.^o o Agrado, que consiste no judicioso emprego das riquezas do Estylo e dos outros diversos ornamentos.

Esta ultima qualidade não é tão necessaria como as precedentes.



SECÇÃO II

Dos Elementos Geraes da Composição

P. Quantos são os Elementos Geraes da Composição?

R. Contam-se ordinariamente quatro:

1.^o os Pensamentos;

2.^o os Sentimentos;

3.^o As Imagens;

4.^o O Estylo.

CAPITULO I

Dos Pensamentos

P. O que é o pensamento?

R. O Pensamento em geral é a percepção ou imagem intellectual dos objectos.

P. Como se pode dividir as qualidades do Pensamento?

R. Dividem-se em duas categorias: a 1.^a categoria encerra as qualidades logicas exigidas pela razão e pelo bom senso; a 2.^a encerra as qualidades do gosto, isto é: as qualidades exigidas pelo bom gosto.



P. Quaes são as qualidades logicas do Pensamento?

R. São: 1.^o a *Verdade*, que consiste em apresentar o objecto tal qual é. Assim, se eu represento em meu espirito a terra redonda; o pensamento é verdadeiro e justo; se, porém, a represento quadrada: o pensamento é falso.

2.^o a *Justeza*, que consiste em apresentar o objecto em toda a sua integridade. Assim, se digo: *O homem é um animal*, o pensamento é verdadeiro, sem ser justo; mas, se digo: *O homem é um animal dotado de razão*, o pensamento é verdadeiro e justo.

3.^o a *Clareza* que apresenta o objecto d'um modo distincto e sem ambiguidade de sentido.

As trez qualidades precedentes bastam para o philosopho cujo fim unico é instruir ou convencer; mas, não bastam para o literato que deve agradar enquanto instrue. Para isso deve-se empregar as qualidades do gosto.



P. Quaes são as qualidades do gosto nos pensamentos?

R. São: a Simplicidade, a Ingenuidade, a Finura, a Delicadeza, a Graça, a Força, a Ousadia, a Nobreza, a Vivacidade, a Riqueza, a Sublimidade e a Novidade.

P. O que é o pensamento Simples?

R. O Pensamento Simples, apresenta os objectos que não tem nada d'elevado nem de baixo, taes quaes são, sem que a arte e o trabalho appareçam. Tal é o pensamento seguinte de La Bruyère: *O escravo não tem senão um senhor; mas o ambicioso os tem tantos quantas são as pessoas uteis á sua fortuna.*

P. O que é o Pensamento Ingenuo?

R. O Pensamento Ingenuo é aquelle que esconde debaixo d'um modo simples, certo sal, certa ladineza que não parecem ter sido procurados. Tal é o pensamento seguinte de La Fontaine, pintando a boa intelligencia dos cães e dos gatos: *Estes animaes viviam entre si como primos; esta união tão doce e quasi fraternal era louvada de todos os vizinhos.*



P. O que é o Pensamento Fino?

R. É aquelle que não apresenta o objecto senão em parte e deixa adivinhar o resto. Tem ordinariamente por fim uma satyra. Exemplo:

Aqui jaz Piron que nada foi, nem sequer academico.

P. O que é a Delicadeza?

R. A Delicadeza une á fineza uma impressão doce e agradável; a Delicadeza é relativa ao coração e a fineza ao espirito. Ex: *Luiz XIV* disse a Massillon: «*Senhor Padre, ouvi grandes oradores, cuja eloquencia muito me satisfez; mas cada vez que vos ouço, fico descontente de mim mesmo.*

P. O que é o Pensamento Gracioso?

R. O Pensamento Gracioso é aquelle que apresenta objectos agradaveis por si mesmo ou pelo modo por que são apresentados. Ex: *Principia o querido menininho a conhecer sua Mãe pelo sorriso.* (Virgilio).

P. O que é o Pensamento Forte?

R. O Pensamento Forte é o que produz uma impressão rápida e profunda. Tal



é o pensamento seguinte de Horacio: *Tudo sobre a terra era sujeito excepto o espirito atroz de Catão.*

P. O que é o Pensamento Ousado?

R. O Pensamento Ousado é aquelle que apresenta os objectos com torneios salientes e com expressões que parecem sahir das regras. Ex: *N'estes globos de bronze, o salitre encerrado se aquece e se abraça; e, em repentino salto, d'elle sahe furiosa a morte em mil estalos.*

P. O que é o Pensamento Rico?

R. É aquelle que apresenta ao mesmo tempo os objectos, o modo de ser dos objectos e outros objectos visinhos. Ex: *Toma tuas armas Luiz e marcha como um Leão.*

P. O que é o Pensamento Sublime?

R. O Pensamento sublime não é outra cousa, senão o pensamento elevado ao ultimo gráo de perfeição. Ex: *Alexandre olhou e dispersou as nações, a terra calou-se á sua presença.*

P. O Pensamento Novo apresenta só objectos novos?



R. O Pensamento Novo, pode apresentar objectos já conhecidos, mas, os apresenta debaixo d'uma forma nova. Ex: *A tristeza não dura sempre*. Este pensamento é muito ordinario; mas, torna-se novo pelo torneiro seguinte: *Sobre as azas do tempo a tristeza voa*.

É preciso notar que um pensamento pode reunir muitos dos caracteres de que acabamos de falar.

P. Que regra deve-se observar no emprego d'estes diversos pensamentos?

R. E' preciso que convenham ao assumpto, ao caracter, e á situação das pessoas que falam.

Defeitos dos Pensamentos

P. Quaes são os principaes defeitos dos Pensamentos?

R. Os principaes defeitos dos pensamentos são: a Falsidade, a Baixeza, a Trivialidade, a Affectação, a Extravagancia, a Emphase, a Inutilidade.

P. Como apresenta o objecto o pensamento Falso?



R. O pensamento Falso, apresenta o objecto differentemente do que é. Ex: *A razão do mais forte é sempre a melhor.*

P. O que é o pensamento Baixo?

R. O pensamento Baixo é aquelle que não está na altura da dignidade do assumpto. Ex: *O diluvio foi a barrela do mundo.*

P. O que é o pensamento Trivial?

R. É aquelle que por um uso nimia-mente frequente tem perdido todo o gosto e sabor.

P. O que é o pensamento Affectado?

R. O pensamento Affectado é aquelle que annuncia uma pretensão d'espírito ridicula e sempre importuna. Ex: *Quem vendo teu bello rosto e tuas delicadas feições, poderá deixar de amar-te?*

P. O que são pensamentos Extravagantes?

R. São aquelles que apresentam as cousas com circumstancias inverosimeis que fazem dizer ou fazer cousas que por seo character e posição não poderiam ser dictas ou feitas.

P. O que são pensamentos Exaggerados?



R. Os pensamentos Exaggerados, são aquelles que offerecem grandes os objectos que o não são ou mostram-nos maiores do que são. Ex: *Dai-lhe o globo terrestre por tunulo, o céu por campã, os astros por fachos e os mares por lagrimas.*

P. O que é o pensamento Inutil?

R. O pensamento Inutil é aquelle que não tem relação alguma com o assumpto de que se trata. Não serve senão para tornar a composição embaraçada, longe de lhe dar alguma formosura.

CAPITULO II

Dos Sentimentos

P. O que se entende por Sentimentos?

R. Entende-se as diversas impressões que a alma experimenta á vista ou á representação dos objectos.

P. Quaes são os caracteres communs dos Sentimentos?

R. São a Verdade e o Natural?

P. Quando é que um sentimento é verdadeiro?



R. Um sentimento é verdadeiro quando sahe do coração e que se experimenta realmente.

P. Quando é que um sentimento é Natural.

R. O Sentimento é Natural quando convém ao character, á situação da pessoa que o experimenta ou suppõe experimental-o.

P. Quaes são os caracteres particulares dos sentimentos?

R. Distinguem-se geralmente seis, que são: a Singeleza, a Delicadeza, a Energia, a Nobreza, a Sublimidade e o Pathetico.

P. O que é o Sentimento Singelo?

R. É aquelle que resulta d'um certo abandono do coração. Ex: *Vós escreveis por divertimento, é uma simples distracção; Eu que vos amo ternamente escrevo só para dizer-vos minha affeição.*

P. O que é o Sentimento Delicado?

R. O sentimento Delicado é aquelle que agrada o coração e que tem alguma coisa de terno e de mysterioso, mas que logo se comprehende. Ex: *N'estes lugares desertos tu, só és para mim uma multidão de amigas.*



P. O que é o Sentimento Energico?

R. O sentimento Energico é aquelle que entra na alma com força e n'ella faz uma impressão profunda. Tal é a arenga seguinte: *«Se eu adiantar, segui-me; se eu recuar, matai-me; se eu morrer, vingai-me.»*

P. O que é o Sentimento Nobre?

R. O Sentimento Nobre é aquelle que sahe d'um nobre coração.—Alexandre perguntara a Póro como queria ser tratado, *«Como rei»* respondeu Póro.

P. O que é o Sentimento Sublime?

R. O Sentimento Sublime é o ultimo gráo que o sentimento pode alcançar.—Um padre falava a uma mulher de condição ordinaria do sacrificio de Isaac imposto a seu pai Abrahão. Sobresaltou-se o coração materno e rompendo em sentidas vozes disse: *«Ah! Sr. Padre, Deos nunca exigiria tal sacrificio d'uma Mãe.»*

P. O que é o Sentimento Pathetico?

R. O Sentimento pathetico é aquelle que commove, agita o coração e amiudo arranca lagrimas. Tal é a apostrophe de N. S. Jesus



Christo á infiel Jerusalem: «*Jerusalem, Jerusalem, que matas os prophetas e apedrejas os que te são enviados; quantas vezes quize eu juntar teos filhos do mesmo modo que a gallinha junta seos pintinhos debaixo das azas. E tu não o quizeste!*»

CAPITULO III Das Imagens

P. O que se entende por imagens?

R. Entende-se pensamentos que apresentam uma especie de painel. Assim Bossuet em lugar de dizer que os homens tornavam-se de mais a mais criminosos diz que se afundavam na iniquidade.

P. Para que servem as imagens?

R. Servem para dar côr ao pensamento e para tornar mais sensivel o objecto se não o é bastante.

P. Como devem ser as Imagens?

R. As Imagens devem ser: Verdadeiras, Justas, Claras, Naturaes e Vivas.

1.^o *Verdadeiras*, devem apresentar o objecto tal qual.



2.^o *Fustas*, devem apresental-o em toda a sua extensão.

3.^o *Claras*, devem apresental-o d'um modo intelligivel.

4.^o *Naturacs*, devem apresental-o por si mesmo.

5.^o *Vivas*, devem apoderar-se da Imaginação.

P. O que é preciso para vêr se as Imagens têm as qualidades precedentes?

R. Para vêr se as Imagens têm as qualidades precedentes, o litterato deve perguntar-se a si mesmo: *O que quero fazer de minha ideia: Uma columna; uma planta; um rio; uma nuvem.* Então, a imagem nada deve apresentar que não convenha a uma columna, a uma planta, a um rio, a uma nuvem.

SECÇÃO III

Do Estylo

P. O que se entende por Estylo?

R. Entende-se uma serie de expressões arranjadas com arte e sostidas de tal ma-



neira em uma obra, que todas as partes não pareçam ser senão traços d'um mesmo pincel.

P. O que se pode dizer ainda do Estylo?

R. Se pode dizer ainda que o Estylo é a maneira de dizer ou escrever de que cada um se serve n'uma lingua para exprimir uma serie de pensamentos ligados entre si.

P. Que differença ha entre a linguagem e o estylo?

R. A linguagem comprehende tudo quanto pertence ao dom de exprimir os pensamentos por palavras. O estylo exige que seja uma serie de pensamentos e de expressões.

P. O que se deve notar no Estylo?

R. Deve-se notar seos diversos generos, seos ornamentos, suas qualidades, seos defeitos e o modo de formal-o.

CAPITULO I

Diversos generos de Estylo

P. Como se pode dividir o Estylo?

R. O Estylo pode-se dividir relativamente:

1.^o ao modo de pensar do escriptor.



2.^o aos objectos que exprime.

3.^o ao modo d'exprimir se.

Do Estylo relativamente ao modo de pensar do escriptor

P. O que pode ser o Estylo relativamente ao modo de pensar do escriptor?

R. A este respeito o Estylo pode ser conciso ou extenso, nervoso ou fraco.

P. Quando é que o Estylo é conciso?

R. O Estylo é conciso quando encerra os pensamentos só nas palavras essencialmente necessarias.

P. Quando é que o Estylo é extenso?

R. O Estylo é extenso quando desenvolve o pensamento com muitas explicações.

P. Quando é que o Estylo é nervoso?

R. O Estylo é nervoso quando exprime o pensamento com energia.

Do Estylo relativamente aos objectos que exprime.

P. Como se divide o Estylo relativamente aos objectos que exprime?



R. Divide-se em simples, temperado ou florido e elevado?

P. O que é o Estylo Simples ?

R. O Estylo Simples é aquelle que consiste no modo de exprimir-se naturalmente, sem ornamentos apparentes ou procurados. Ex:

*A flôr dá o mel, e ella a filha da ma-
drugada, as delicias da primavera, a aca-
çoula dos perfumes, a graça das virgens,
passa rapida como o homem, mas lega do-
cemente á terra as suas petalas. Em anti-
gos tempos era ella o adorno dos banquetes
e das cans do sabio; os christãos primitivos
cobriam de flôres os martyres e os altares
das catacumbas. Hoje, em memoria d'esses
remotos dias ornamos com ellas as Igrejas.*

Do Estylo Temperado ou Florido

P. O que é o Estylo Temperado ou Florido ?

R. O Estylo Florido é um estylo que sem deixar perceber o estudo e o trabalho, é cheio de elegancia, de agrado e de belleza, provenientes quer do uso das figuras,



quer da feliz construcção das phrases, quer da harmonia da linguagem.

P. Quaes são as qualidades do Estylo Florido ?

R. As qualidades do Estylo Temperado ou florido são: uma grande justeza de expressões, uma feliz escolha de palavras, uma boa distribuição de ornamentos, uma construcção bem feita, facil e harmoniosa.

P. Citali um exemplo de Estylo Florido.

R. *O pobre e o rico são igualmente sujeitos á morte.* Eis um pensamento simples, mas torna-se elegante e florido pelo torneio seguinte de Malherbe: (poeta Francez).

O pobre em sua choupana onde o abriga o colmo, é captivo de suas leis;

E o guarda que vela as barreiras do Louvre, não defende nossos reis.

Do Estylo Sublime.

P. O que é o Estylo Sublime?

R. O Estylo Sublime é aquelle em que a grandeza dos pensamentos e dos senti-



mentos responde pela justeza das expressões á grandeza do assumpto.

P. Quantas são as especies de Estylo Sublime?

R. São trez: o Sublime Magestoso, o Vehemente e o Pathetico.

P. O que é o Estylo Sublime Magestoso?

R. O Estylo Sublime Magestoso é aquelle que une a grandeza ao esplendor e que apresenta por conseguinte grandes ideias exprimidas por grandes imagens.

Ex: — *Deus pairou e mediu a terra; olhou e derrotou as gentes; e foram reduzidos em pó os montes dos seculos. Os outeiros do mundo se encurvaram pelos caminhos de sua eternidade. Os montes o viram e ficaram traspassados de dôr; o tragadouro das aguas passou. O abysmo fez ouvir a sua voz, a profundidade levantou suas mãos.*

P. O que é o Estylo Sublime Vehemente?

R. O Estylo Sublime Vehemente é aquelle que arrasta, eleva, transporta o leitor por sua energia e pela rapidez de seos movimentos. Acha-se um bello exemplo



nos versos seguintes dedicados a Vasco da Gama:

*Quando a juba saccudia
O leão occidental
Gôa arfava, Aden tremia
No seo leito de christal.
Heróe n'um gesto grandioso
De teu braço glorioso
Chamaste um rei venturoso
Fizeste um povo immortal.*

P. O que é o Estylo Sublime Pathetico?

R. O Estylo Sublime Pathetico é aquelle que exprime sentimentos elevados, que vam directamente ao coração, que commovem e arrancam lagrimas. Achamos um bello exemplo d'este estylo na tocante e animada pintura da morte do Salvador, n'estes requissimos versos:

*De sangue está banhado
O fusto em affrontosa cruz pendente
O Senhor de universo traspassado
De dôr acerba, ingente:
Tyranno povo as vestes lhe sorteiam
A trahição o vendeo horrenda e feia
Nos macerados olhos lhe circumda
Piedosa ternura*



*No coração ajunta á dor profunda
Os doces sentimentos de que abunda
E do Pai só procura
O perdão dos algozes que o craváram
E no seo sangue as ímpias mãos banharam.*

P. Que differença ha entre o Sublime e o Estylo Sublime?

R. O Sublime é o mais alto gráo de elevação que espirito humano possa alcançar. É raro e momentaneo. Para o Estylo Sublime basta que os pensamentos sejam grandes e exprimidos d'um modo conveniente.

P. Quantas especies de Sublime se distingue?

R. O Sublime de pensamentos, o sublime de sentimentos e o Sublime de imagens.

P. O que é o Sublime de pensamento?

R. O Sublime de pensamento é aquelle que apresenta ideias grandes e concisas; taes são as palavras da Sagrada Escriptura: *Faça-se a luz e a luz foi feita.*

P. O que é o Sublime de sentimento?

R. O sublime de sentimento é aquelle que exprime um movimento do coração que



parece acima da fraqueza humana: *Uma mãe tinha dois filhos pequenos. Um tigre agarrou um d'elles e o devorou em presença da mãe. Esta desesperada, offereceu o segundo filho para que a fera o devorasse igualmente.*

P. O que é o Sublime de Imagem?

R. O sublime de imagem é aquelle que pinta grandes os objectos e com côres que encham de admiração aos leitores. Tal é, esta phrase da Sagrada Escriptura falando da descida do Verbo para s'incarnar: *Inclinou-se o ceu e desceu.*

Do Estylo relativamente ao modo de exprimir

P. O que pode ser o Estylo relativamente ao modo de exprimir?

R. Relativamente ao modo de exprimir, o Estylo pôde ser: *Claro, Puro, Natural, Unido, Elegante, Harmonioso, Cortado e Periodico.*

P. O que é o Estylo Natural?

R. O Estylo Natural á aquelle em que se exprimem as ideias e os sentimentos sem



trabalho apparente : Esta qualidade é preciosa e custa mais do que parece.

P. O que é Estylo Unido?

R. O Estylo Unido não apresenta senão variedades insensíveis. Este estylo implica facilmente a monotonia.

P. O que é o Estylo Elegante?

R. O Estylo Elegante é aquelle que apresenta as ideias com expressões agradaveis de modo que os ouvidos fiquem satisfeitos.

P. O que é o Estylo Cortado !

R. Estylo Cortado é aquelle cujas partes são independentes e sem relações reciprocas.

P. O que é o Estylo Periodico.

R. O Estylo Periodico é aquelle em que as proposições e as phrases são ligadas entre si quer pelo sentido, quer pelas conjuncções.

Qualidades do Estylo.

P. Quaes são as qualidades do Estylo ?

R. As qualidades do Estylo são: a *clareza*, a *conveniência*, e os *ornamentos*. Trez qualidades indispensaveis.

P. Em que consiste a Clareza ?



R. Consiste em que se conheça logo e sem esforço o pensamento exprimido pela palavra. A clareza é a qualidade fundamental do Estylo e nada pode suppril-a.

P. O que é necessario para exprimir claramente os pensamentos ?

R. E' preciso: 1.^o *conhecer perfeitamente o assumpto sobre que se quer fallar e medital-o em todas as suas partes.* 2.^o *conhecer a fundo a significação dos termos que se empregam.*

P. O que se entende por conveniencia do Estylo ?

R. Entende-se uma qualidade pela qual se accommoda o Estylo aos pensamentos e aos sentimentos; n'uma palavra, ao assumpto que se trata. Ha torneios, palavras, phrases que têm grandeza e esplendor, estas são destinadas aos generos elevados. Ha outras que encerram pensamentos pouco brilhantes; são destinadas aos generos simples.

Ornamentos do Estylo.

P. O que se entende por ornamentos do Estylo ?



R. Entende-se certos torneios menos communs, certas expressões melhor escolhidas, que dam ao Estylo mais graça e mais força.

P. Quaes são as fontes em que o Estylo acha seos ornamentos?

R. São: 1.^o *No feliz emprego das figuras,*
2.^o *na harmonia da linguagem.*

Das Figuras.

P. Quantos sentidos as palavras podem ter no discurso?

R. As palavras podem ter dois sentidos: um proprio e outro figurado. São empregadas n'um sentido proprio, quando, conservando sua significação primitiva, exprimem a causa para a qual foram creadas. Empregam-se n'um sentido figurado quando o Litterato as faz passar de sua significação.

Ex: — A expressão calor exprime uma propriedade do fogo. Se se diz: o calor da chamma; a expressão calor está no sentido figurado.

P. O que são Figuras?



R. São certos modos de falar que communicam ao Estylo, graça, força, nobreza, quer transferindo uma palavra de sua significação propria á uma significação estrangeira; quer dando ás palavras e ás phrases certas disposições, ou ao pensamento certas modificações suggeridas pela imaginação, pelo sentimento ou pelo artificio oratorio.

P. Qual é a origem das figuras ?

R. O uso das figuras deve-se attribuir á pobreza das linguas, á falta de expressões proprias, á influencia que a imaginação e o sentimento exercem na linguagem.

P. Quaes são os effeitos das Figuras ?

R. As figuras têm quatro effeitos ?

1. — enriquecem uma lingua e a tornam mais abundante. 2.^o dam mais dignidade ao Estylo; 3.^o dam-nos o prazer de destacar, de perceber distinctamente dois objectos n'um só golpe de vista. Por exemplo, se digo: « A manhã da vida para significar a juventude, tenho ao mesmo tempo debaixo dos olhos uma das epochas da vida e uma das partes do dia; 4.^o dam ao objecto prin-



principal uma ideia mais clara, mais viva do que as expressões empregadas em seu sentido proprio poderiam dar.

P. Como se deve empregar as Figuras?

R. O emprego das Figuras deve ser natural e conveniente ás ideias e aos sentimentos que ellas exprimem. Não devem ser multiplicadas demais, nem excessivamente pomposas e brilhantes porque então nasceria a affectação.

P. Quantas especies de Figuras distinguem-se?

R. Distinguem-se duas; as figuras de palavras e as Figuras de pensamento.

P. Como se dividem as Figuras de palavras?

R. Dividem-se em duas categorias: as da 1.^a categoria mudam a significação das palavras e por isso se chamam *Tropos*; as figuras da 2.^a categoria deixam ás palavras a sua significação natural e conservam o nome de *figuras de palavras*.



Dos Tropos.

P. O que são Tropos?

R. Os Tropos são figuras pelas quaes transporta-se uma palavra de sua significação propria a uma significação estrangeira. E' em virtude dos Tropos que se diz: *Cem velas*, para significar—*Cem navios*.

P. Quaes são os principaes Tropos?

R. São: a Metaphora é Allegoria, a Catharese, e Metonymia, a Synedoché e a Antonomasia.

P. O que é a Metaphora?

R. A Metaphora, é um tropo pelo qual se transporta uma palavra de sua significação propria a uma significação estrangeira em virtude d'uma comparação que se faz no espirito. Por exemplo si se diz: *Alexandre atira-se como um leão* é uma comparação; mas, si se diz falando d'este guerreiro: *Este leão atira-se* é uma metaphora.

A Metaphora empregada com acerto é o mais rico dos tropos.



P. O que é a Allegoria?

R. A Allegoria nada mais é que uma metaphora continuada, uma serie mais ou menos longa de traços figurados, mas, esta serie de traços figurados deve começar com a phrase e não acabar senão com ella. Ex: Bossuet, falando d'uma joven princeza prevenida pelas graças do céo, diz: *Esta nova planta assim regada pelas aguas do céo, não tardou muito para produzir fructos.*

A Allegoria, assim como se vê, consiste em dizer uma cousa para fazer entender outra. Si se prolonga em toda a extensão d'um escripto, chama-se este, Composição Allegorica.

P. O que é a Catachrese?

R. E' uma especie de Metaphora pela qual suppre-se as palavras que faltam na linguagem usual, por outras palavras que tem relação com o objecto que se quer exprimir. E' em virtude da Catachrese que se diz: *Uma folha de ouro, de papel.*

P. O que é a Metonymia?

R. A Metonymia, expressão que signi-



fica mudança de nome, emprega um nome por outro, com que tem relação. Assim toma :

1.^o A causa pelo effeito: *Lêr Cicero* por *lêr as obras de Cicero*.

2.^o O effeito pela causa: *Este monte não tem sombra*, para dizer *Este monte não tem arvores que dêm sombra*.

3.^o O signal pela cousa significada. Ex: *O sceptro* pela *realeza*; *a espada* pela *guerra*.

4.^o O continente pelo conteúdo Ex: *Beber uma garrafa*, para dizer: *Beber o que está dentro de uma garrafa*.

5.^o O lugar em que se faz uma cousa pela cousa mesma. Ex: *A academia*, para dizer: *A doutrina ensinada na academia*.

6.^o O possuidor pela cousa que possui. Ex: *O mais rico da freguezia foi incendiado* para dizer: *A casa do mais rico etc.*

P. O que é a Synedoché?

R. E' uma especie de Metonymia que faz comprehender mais ou menos do que significa a expressão empregada no sentido proprio. Assim toma:



1.º O genero pela especie, Ex: *Os mortaes*, para significar: *os homens*.

2.º O singular pelo plural. Ex: *O homem é mortal*, para significar: *Os homens são mortaes*.

3.º O todo pela parte: *Os animaes foram beber as aguas do rio*, isto é: *Os animaes foram beber parte das aguas do rio*.

4.º A parte pelo todo. Ex: *Quantas cabeças, tantas opiniões*.

5.º O nome da materia pela cousa que foi feita d'essa materia. Ex: *O ferro* para significar: *a espada*.

P. O que é a Antonomasia?

R. E' uma especie de Synecdoche, que põe um nome proprio por um nome commun, ou um nome commun por um nome proprio. Assim se diz: *Um Nero*, para dizer: *um príncipe cruel*. *O apostolo das nações*, para dizer: *São Paulo*.

Figuras de palavras.

P. Quaes são as Figuras de palavras?

R. São: a Ellipse, o Pleonasmio, a Repetição, a Synonymia, a Conversão, e a Gradação.



P. O que é a Ellipse?

R. E' uma figura, pela qual, tiram-se expressões necessarias á construcção completa da phrase para dar mais vivacidade ao pensamento. Ex: *Os olhos cessam de ver, os ouvidos de ouvir, o coração de bater.*

P. O que é o Pleonasmio?

R. E' uma figura que accrescenta por gosto o que a grammatica regeita com superfluo. Ex: *Eu o vi com meos proprios olhos.*

P. O que é a Repetição?

R. A Repetição consiste em dizer muitas vezes a mesma expressão para insistir sobre uma ideia ou sentimento. Ex: *Nada altera a Sagrada Escripura; ella permanece sempre inteira, sempre pura, sempre santa; sempre ha unidade na mesma.*

P. O que é a Synonymia?

R. E' uma figura que junta palavras que tem sempre a mesma significação. Ex: *O passaro escapou, sahio, fugiu, voou, desapareceu.*

P. O que é a Converção?

R. A conversão ou regressão é uma figura pela qual as palavras sendo reprodu-



zidas na ordem inversa dam sentido differente á phrase. Ex: *Pensai em tudo o que diseis. Não dissei tudo o que pensais.*

P. O que é a Gradação?

R. A Gradação consiste em apresentar uma serie de ideias, de imagens, de sentimentos, cuja força vai sempre crescendo ou diminuindo. Ex: *Virá esta ultima hora; aproxima-se, tocamos n'ella, já está chegada.*

Figuras, de Pensamentos.

P. O que são Figuras de Pensamento?

R. As Figuras de Pensamento são certos modos de falar, certas modificações suggeridas pelas paixões e pelo artificio oratorio e que são ligadas com o pensamento de tal modo que a figura subsiste sempre quaesquer que sejam as palavras empregadas para exprimil-o.

P. Quaes são as principaes Figuras de Pensamento?

R. São : a Allusão, a Ironia, a Hyperbole, a Antithese, a Apostrophe, a Prosopopœa,



a Imprecação, a Interrogação, a Reticencia e a Comparação.

P. O que é a Allusão?

R. A Allusão, é uma figura pela qual diz-se uma cousa para dar a entender outra de que não se faz menção expressa; é a applicação pessoal d'um traço de louvor ou de censura. Ex: O cardeal de Richelieu, encontrando-se com o duque D'Epernon, na escada do Louvre, perguntou-lhe se não havia novidades. . . Nada, respondeu o Duque, senão que estais subindo e eu descendo. Allusão ao credito crescente do Cardeal e ao credito mingoante do Duque.

P. E que é a Ironia?

R. A Ironia é uma figura pela qual diz-se o contrario do que se pensa, ou do que se quer dar a pensar aos outros. Ex: F. . . é uma alumna muito indolente, sempre ultima na sua aula. Uma de suas condiscipulas dizia-lhe: *Certamente, não nos deixarás premios, pois não haverá bastantes para ti só.*

P. O que é a Hyperbole?

R. A Hyperbole é uma figura que exag-



gera as cousas, quer augmentando-as, quer diminuindo-as para que sejam melhor comprehendidas. Ex: Depois da victoria de Aboukir, Kleber disse a Bonaparte: *General, sois grande como o mundo!*

P. O que é a Antithese?

R. E' uma opposição reciproca de palavras e de pensamentos. Ex: Falando do homem, Racine, exprime-se do modo seguinte:—*Verme impuro da terra e rei do universo. Rico e vasio de bens, livre e carregado de ferros.*

P. O que é a Apostrophe?

R. E' uma figura pela qual interrompem-se uma serie de ideias, para dirigir a palavra a seres animados ou inanimados. Ex: O propheta David, amargurado pela dôr de ter perdido a Jonathas, parece tornar responsavel da morte d'elle tudo quanto foi testemunha da catastrophe, até o logar em que esta aconteceu; exclama: *Montes de Gelboé, nem orvalho nem chuva caia sobre vós; nem haja campos de que offerecer primicias, porque lá foi lançado por terra o*



escudo dos fortes, o Escudo de Saul como se não tivesse sido ungido com óleo!

P. O que é a Prosopopéa?

R. É uma figura, pela qual suppõe-se vida, acção e palavras a seres animados ou inanimados, vivos, ou mortos, reaes ou imaginarios. Ex: O propheta Jeremias, depois de ter dito que a gloria do Senhor devorou seos inimigos, que embriagou-se com o sangue d'elles, exclama: *O! espada do Senhor, até quando deixarás de repousar? Entra na tua bainha, refresca-te e põe-te em silencio!*

P. O que é a Imprecação?

R. É uma figura pela qual rogam-se pragas. Ex: No dia da 1.^a Communhão, renovando as promessas do baptismo as meninas dizem ao demonio: *«O' rei da soberba, espirito infernal, maldito sejas tú; eu, te renuncio com todas as tuas pompas, detesto-te com todas as tuas obras!*

P. O que é a Interrogação?

R. É uma figura pela qual dirige-se perguntas vivas, não com o fim de obter resposta, mas para mostrar uma persuasão mais



profunda. Ex.: *Para que mostrar a meos olhos uma tristeza fingida? Fulgais com as vossas lagrimas. provar-me a vossa amisade?*

P. E que é a Reticencia?

R. E' uma figura pela qual interrompe-se subitamente o discurso, para passar a outra ideia, de modo que se possa entender facilmente o que fica calado. Ex: *Ha hoje, muitos annos, minha filha, que veio ao mundo, uma creatura destinada a amar-vos d'um amor sem par. Peço a vossa imaginação não divagar, nem á directa, nem á esquerda.... essa creatura era....*

P. O que é a Comparação?

R. A Comparação é uma figura pela qual se comparam dois objectos que se assemelham por alguns pontos, para que se aprecie melhor um d'elles. Ex: *O homem é como a flôr—que abre e para logo murcha; passa como a sombra que nunca pára.*

Da harmonia, segunda fonte dos ornamentos do Estylo.

P. O que é a Harmonia?

R. E' uma combinação de sons que agra-



dam aos ouvidos por sua concordancia entre si, ou ao espirito por sua relação com o objecto que exprime.

D'ahi duas especies de harmonia: a harmonia mecanica e a harmonia imitativa.

P. O que é a harmonia mecanica?

R. É uma combinação de sons que agradam aos ouvidos. Para obter esta combinação agradável é preciso fazer uma bôa escolha de expressões, collocal-as de modo que não se ache encontro duro entre ellas, e arranjar os periodos de tal maneira que os membros d'elles sejam pouco mais ou menos proporcionados á respiração do leitor

P. Em que consiste a harmonia imitativa?

R. Consiste na concordancia dos sons e das expressões com os objectos que exprimem. Os objectos que podem exprimir são os sons da natureza, os movimentos lentos ou rapidos e as paixões ou emoções da alma, Ex:

*Por entre as pedras alvas se deriva
A sonora lympba fugitiva.*



Defeitos do Estylo.

P. Quaes são os defeitos do Estylo?

R. Tudo quanto é opposto ás qualidades do Estylo acima mencionadas vêm a ser defeitos e devem ser evitados. Os principaes defeitos do Estylo são pois:

- 1.º a Obscuridade, opposta á Clareza;
 - 2.º a Affectação, opposta ao natural e á simplicidade;
 - 3.º a Diffusão, opposta á precisão;
 - 4.º a Fraqueza, opposta á energia das expressões;
 - 5.º a Dureza, opposta á harmonia das palavras e das expressões;
 - 6.º a Aridez, opposta á necessidade dos ornamentos do Estylo;
 - 7.º o Neologismo, ou innovação na linguagem, opposto á clareza e ao natural da lingua em que se fala ou em que se escreve.
-



Meios para formar um bom Estylo.

P. Quaes são os meios de formar um bom Estylo?

R. Para formar um bom Estylo, o escriptor deve:

1.^o Acostumar-se a formar uma ideia bem clara do assumpto sobre que quer falar ou escrever.

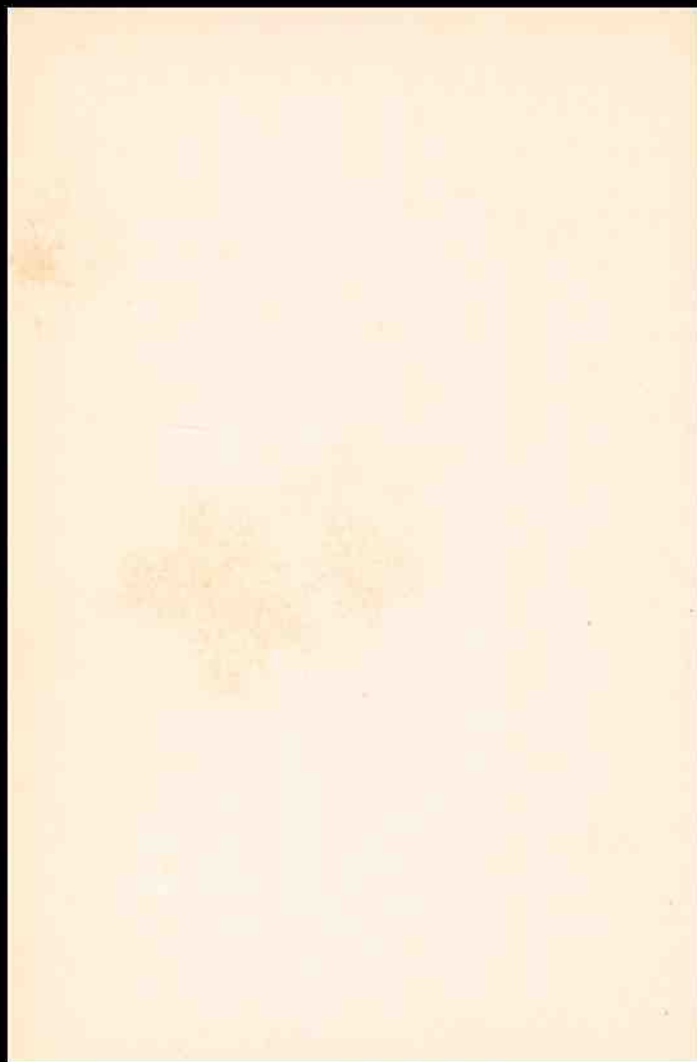
2.^o Deve entregar-se amiudo ao exercicio de composição.

3.^o Lêr com reflexão os bons autores.

4.^o Imitar os bons escriptores no Estylo, nos torneios e até nas expressões.

5.^o Esforçar-se constantemente em adaptar o Estylo ao assumpto e ao alcance dos leitores ou dos ouvintes.







PARTE II

Regras particulares a cada especie de Composição.

P. Como se divide esta segunda parte relativamente a cada especie de Composição?

R. Esta segunda parte dividir-se-ha em duas secções: na primeira fallaremos da composição em prosa; na segunda, da composição em verso.

SECÇÃO I

Generos em Prosa

P. Quaes são os generos de Composição em prosa?

R. São: os generos — historico, descriptivo, epistolar, didactico e oratorio.



CAPITULO I

Genero Historico

P. O que é a Narração?

R. A Narração é um discurso ou um escripto no qual contam-se acontecimentos reaes ou fingidos.

P. Quaes são as qualidades da Narração?

R. As qualidades da Narração são:

1.^o—*a Clareza*, que consiste em expor o facto de tal maneira que o leitor ou o ouvinte possa comprehendel-o em seus detalhes.

2.^o—*a Brevidade*, que consiste narrar o que é necessario e nada mais.

3.^o—*O Interesse*, que consiste em affeição o leitor aos acontecimentos que se relatam e inspirar-lhe o desejo de conhecer a marcha e o desfecho d'elles.

P. O que é a *narração historica*?

R. A *narração historica* é a exposição fiel e exacta de um ou muitos acontecimentos reaes. N'este genero de narração não tem absolutamente lugar a ficção ou a phantasia. A Historia é toda inteira consagrada á ver-



dade; e, por isso, n'este genero de narração, os factos são contados com a mais escrupulosa equidade.

P. Quantos generos ha de *narração historica*?

R. Ha tres, que são: a *historia sagrada*, que se divide em *historia santa* e *historia ecclesiastica*; a *historia profana*, que se divide em *historia antiga* e *historia moderna*; a *historia natural*, que se divide em quatro ramos distinctos: *Geologia*, *Mineralogia*, *Botanica* e *Zoologia*.

P. O que é a *historia sagrada*?

R. A *historia sagrada* é a exposição dos factos resultados das relações de Deos com o homem, bem como a historia da religião desde a origem do mundo até nossos dias.

P. O que é a *historia profana*?

R. A *historia profana* é a narração dos acontecimentos politicos. Ella pôde ser *universal*, *geral* ou *particular*: *universal*, quando abraça todos os povos e todas as epocas; *geral*, quando se occupa somente de uma nação considerada na sua origem, progresso



e revoluções; *particular*, quando limita-se a uma só época, a um acontecimento isolado, a uma província, a uma cidade ou a um homem.

P. O que é a *historia natural*?

R. A *historia natural* consiste em uma reunião de observações e conhecimentos que nos fazem admirar as maravilhas da criação e que para ellas attrahem a nossa attenção.

P. Qual é o fim da historia?

R. O fim da historia é instruir o homem fazendo-lhe conhecer os seus semelhantes, as causas e os effeitos dos acontecimentos, os grandes exemplos que tem honrado os povos e os homens illustres, as funestas influencias que o crime e a irreligião tem sempre exercido sobre os povos e os particulares.

P. Quaes são as qualidades indispensaveis da historia?

R. São: 1.^o a *Verdade*, que consiste em expor os factos taes como aconteceram; 2.^o a *Imparcialidade*, que consiste na exposição dos factos sem attender nem aos homens nem aos partidos nem ás nações; 3.^o a *Uni-*



dade, que consiste no encadeamento natural dos factos que se chamam uns aos outros, de modo que a historia forma um só todo.

P. Qual deve ser o estylo da historia?

R. Deve ser: simples, animado, rapido e apropriado ao assumpto.

P. O que é a narração poetica ou fabulosa?

R. E' a exposição de acontecimentos fingidos mas verosímeis.

P. O que é o Romance?

R. E' uma ficção poetica, verosímil e as vezes maravilhosa, destinada a agradar, instruir e regradar os costumes. Se vê pois que o fim do romance deve ser a instrucção dos homens e a sua perfeição moral.

Mui raramente, os romances innumeraveis em nossos dias, tendem a esse louvavel fim; ao contrario elles hoje buscam só e unicamente a desmoralisação dos leitores.

P. O que é o romance historico?

R. E' um romance cujo fundo é verdadeiro, mas cujos detalhes são inventados. Em nossos tempos essa especie de romance é bastante apreciada?



CAPITULO II

Genero Descriptivo

P. O que é a Descripção?

R. A Descripção é uma pintura viva e animada dos objectos.

P. Quantas especies de Descripção contão-se?

R. Contão-se seis especies:

1.^o—A *Chronographia* que descreve as circumstancias do tempo ou do momento em que uma cousa se diz ou se faz; ex:

*E' noite ! a lua envolta em negro manto
Transmitte a tudo horror,
E nas tabas tapuyas se levanta
Um brado de clamor !*

2.^o—A *Topographia*, que é a descripção dos lugares. Ella pinta o lugar em que se deo o acontecimento:—um templo, um palacio, uma floresta, etc. ex:

*Sentamo-nos á sombra d'uns olmeiros
N'um prado de arvoredos rodeado ;
Onde cruzar-se vinham tres ribeiros...
Lugar fresco e sombrio aparelhado*



*Para fugir o sol que então entrára
Em raios de luz todo abrazado.*

3.^o—A *Demonstração*, que é a descripção d'um facto particular, de um acontecimento, taes como: um combate, um temporal. Ex:

*Das electricas nuvens ondeantes
Se desatam chuveiros procellosos,
Ao bramido das ondas espumantes
Se ajunta o estampido dos trovões ruidosos,
Resoam pelos lenhos fluctuantes
Os silvos dos tufões calliginosos.
Ao denodado Gama o peito esfria
Pois mais que as leis da natureza via.*

4.^o—A *Prosopographia*, que pinta o exterior, as feições, as qualidades ou defeitos sensiveis das pessoas ou dos animaes; ex:

A cabeça do leão é quasi quadrada, a testa arqueada, os olhos grandes e cheios de expressão; tem o peito largo e a cabeça sempre levantada.

5.^o—A *Ethopica*, pela qual pitam-se as virtudes ou vicios, as qualidades ou defeitos moraes d'uma pessoa; ex:

Luiz de Camões foi na conversação jovial



e distincto, porém tanto que chegou á idade maior trocou as verduras com que brotava a primavera dos annos em madura gravidade.

P. Quaes são as especies de descripção que se referem á Ethopêa?

R. São : o paralelo, a simillhança e a dissimillhança.

P. Em que consiste o paralelo?

R. O paralelo consiste em comparar os retratos de dois personagens para se notar as semellhanças e as differenças: ex:

*Eram Cesar e Pompeo astros de Roma
Cobertos ambos d'immurchaveis louros,
Ambos guerreiros, triumphantes ambos,
Magnanimos na paz, herôes na guerra
Ambos iguaes no nome, iguaes nos feitos,
Iguaes na grandeza, iguaes no brilho.*

P. O que é a Simillhança?

R. A Simillhança é tambem uma especie de comparação: ex:

— Limpido ribeiro, eis-nos ambos em precipitado andar seguindo a mesma sorte ; tu corres ao mar, eu, á morte.



P. O que é a *Dissimilhança*?

R. A *Dissimilhança* é um paralelo entre dois objectos, ou entre os aspectos diversos dos mesmos objectos. Ex:

Carlos V, este grande potentado, que estendia sua dominação desde o golfo do Mexico, até além das praias do Texel e do Danubio, até além da Bahia de S. Francisco abandonou os thronos fulgurantes da Allemanha, da Hespanha, da Sicilia, dos Paizes Baixos, renunciou ás suas immensas possessões na America e foi occultar-se no interior d'um mosteiro.

6.º—A *Hypotyposis*, que tem por objecto uma acção, um acontecimento, um phenomeno, um estado, uma paixão; ella pinta os objectos com côres tão vivas e imagens tão verdadeiras que á quem ouve, parece tel-os diante dos olhos.

Ex: *Ainda se não sabia por que parte do horizonte havia de sahir a aurora e já no campo soavam os bellicos instrumentos e os preparos para um horriavel assalto.*

Pouco a pouco veio esclarecendo o dia e



dirieis que toda a terra desentranhava-se em gente e o murmuro do povo, multiplicado por todos os habitantes e pelos sitiadores, parecia o susurro do mar, agitado contra os rochedos. Em toda a noite não tinha cessado o Conde de Flandres de preparar uma nova ponte para lançar as portas que as chammas haviam devorado. Estavam os animados sitiadores impacientes e os cavallos mordiam os freios, e a pedaços cahia a espuma que formavam de raivosos e bravos; batiam a terra que tremia e soava debaixo de seus pés.

CAPITULO III

Genero Didactico

P. O que é o Genero Didactico e o que encerra?

R. E' um genero de obras, cujo fim é instruir, desenvolvendo os principios e dando regras para applical-os. Este genero encerra os principios theologicos, philosophicos, polemicos, litterarios, criticos, scientificos, cujo fim é ensinar a religião, a verdade, a moral,



a politica, as artes, as sciencias physicas ou naturaes.

P. O que são obras elementares?

R. São as que encerram os principios d'uma sciencia, ou as regras d'uma arte, assim como: tratados, cursos, preceitos etc. de theologia. litteratura, grammatica etc., etc.

P. O que são obras didacticas litterarias?

R. São as mesmas que as precedentes, differem só pela forma que tem de interessar o leitor ao passo que o instrue. Os auctores d'este genero são: 1.^o Lucien, sobre a maneira de descrever a historia; 2.^o Cicero, em seo orador e seos officios; 3.^o Fénelon, em seo tratado da existencia de Deos.

P. O que são obras polemicas?

R. Chamam-se assim as obras destinadas a defender a verdade ou a combater o erro.

P. Qual é o fim das obras de critica?

R. Estas obras tem por fim fazer notar as bellezas e os descitos d'uma producção litteraria.

P. De que tratam as obras moraes?

R. Tratam dos deveres do homem e tem



relação tanto ao espirito como ao coração. O fim d'ellas é inspirar o amor á virtude e o odio ao vicio, indicar os meios de praticar a primeira e evitar o segundo.

P. O que é o Dialogo?

R. E' uma forma de tratar qualquer assumpto pondo em scena dois ou muitos interlocutores.

SECÇÃO II

Generos em verso ou poetica

P. O que é a Poetica?

R. A Poetica é a reunião das regras proprias para dirigir o poeta em suas diversas composições.

P. O que é a Poesia?

R. A poesia é a expressão da bella natureza pelo compasso das palavras. Por esta definição, se vê, pois que, a poesia differe da prosa pelo fundo e pela forma. Entretanto pôde haver uma linguagem poetica sem a symetria das expressões, mas, n'este caso não e tão perfeita.

P. Qual é a origem da poesia?



R. E' tão antiga como o conhecimento do Bello que o homem quiz reproduzir com a harmonia, rithmo e canto.

P. Quantas são as especies de poemas?

R. Dividil-os-hemos em tres especies: 1.º as Poesias Fugitivas; 2.º os Pequenos Poemas; 3.º os Grandes Poemas.

Poesias Fugitivas

P. O que se entende por Poesias Fugitivas?

R. Entendem-se algumas especies de verso que não exigem um longo trabalho e que são destinadas a divertir um momento aos leitores.

P. Quaes são as principaes?

R. São: 1.º o Epigramma, 2.º o Madrigal, 3.º o Epitaphio, 4.º a Inscrição, 5.º o Soneto, 6.º a Balata, 7.º o Bondó, 8.º o Enigma, 9.º o Logogripho, 10.º a Charada.

P. O que é o Epigramma?

R. E' um pensamento interessante, maligno, satyrico, exprimido em poucas palavras. Ex: *Sabe morrer, tu. que viver não soubeste.*

P. O que é o Madrigal?



R. O Madrigal, consiste n'um pensamento doce, ingenuo, delicado, apresentado igualmente em poucas palavras. Ex:

Prazer! prazer! ó falso, ó lisongeiro!

Que fugindo te ausentas

De nós sem saudades e tão ligeiro!

As penas nos augmentas!

Se mal que te acolhemos, já nos deixas

Eis que o lindo prazer tão suspirado

Me responde: Que vãs são tuas queixas

Aos Numes graças rende que hão creado

O prazer breve; que, a ser eu comprido

Me houveram certo, para si retido.

P. O que é o Epitaphio?

R. O Epitaphio é uma inscripção gravada sobre um tumulo. Ex:

Um tumulo é sufficiente para este guerreiro, a quem o universo não pôde satisfazer.

P. O que é a Inscripção?

R. A Inscripção, consiste em algumas linhas ou versos escriptos sobre um edificio, monumento, estatua para recordar a memoria de um acontecimento notavel. Lê-se no Panthéon em Paris:

Aos grandes homens, a patria reconhecida.



P. O que é o Soneto?

R. O Soneto é um poema de quatorze versos, arranjados como no exemplo seguinte: Ex:

De Babel sobre os rios nos sentamos
De nossa doce patria desterrados
As mãos na face, os olhos derribados
Com saudades de ti, Sião, choramos!
* * * * *
Os orgãos nos salgueiros, penduramos
Em outro tempo bem de nós tocados,
Outro era elle por certo; outros cuidados
Mas por deixar saudades os deixamos.
* * * * *
Aquelles que captivos nos traziam
Por cantigas alegres perguntavam
Cantai (nos diziam) hymnos de Sião.
* * * * *
Sobre tal pena, pena tal nos dam
Pois tyranicamente pretendiam
Que cantassem, aquellos que choravam.

P. O que é a Balata?

R. E' um pequeno poema composto de tres estrophes e d'um estribillo em versos iguaes. Este genero é pouco cultivado.

Achamos, entretanto um exemplo na



poesia:—O Prisioneiro—cujo protagonista é um dos nomes mais heroicos de que se honram os fastos brasileiros. Eil-o:

O Prisioneiro

Porque Tupá, eu não morri guerreiro
Já farto a batalhar?
Fui vencido na guerra e prisioneiro
Aqui devo acabar!...
Calou-se e ao filho prodigando abraços
Tristonho suspirou
E na rede com o tenro filho em braços
Ligeiro se lançou.
E' noite, a lua envolta em negra manta,
Transmitte a tudo horror!
E nas tabas tapuyas se levanta
Um brado de clamor!...
Alerta! alerta! sus! que o prisioneiro
Já lá fugindo sahe,
Porém baldio esforço! incendio arteiro
Lavrando em tudo vai!
E um dia os batavos armados
Goyanna vem cercar
E o imbecil povo, despidosos brados
Começa de chorar!
Vomitam mortes em chuvas de metralha
Os bronzicos canhões,



E o pallido terror por terra espalha
Contrarios batalhões!...
Victoria! E' vencedor! Rufai tambores!
Trombetas retini!
Abatei-vos baionetas d'invasores
Pendões cahi, cahi!
Curvai-vos ante o héroe victorioso
O' batava nação?
Saudai do prisioneiro o filho honroso
O invicto Camarão!!!

P. O que é o Rondó?

R. E' um poema composto de treze versos aos quaes se junta dois estribilhos. Os versos são em duas rimas. Ex:

Das patrias lettras anima-te sacro amor
E a nacional poesia cultiva com primor.
Poetas gregos e romanos já tens lido
Passa agora aos nossos mais queridos.
N'elles acharás moral sanissima, gosto sasonado
Saber profundo, elegancia, estylo apurado,
Epica tuba, quasi igual á romana, á grega
Pois nossa nação tão felizmente se emprega
Em imitar os bons antigos!
Os sabios cantores de Gama e de Ulysses te apresentam
Feitos que a gran valor os animos levantam
A outros a musa suave e moviosa



S'expandem em linguagem harmoniosa
Buscando com pressuroso afan
A imitar os bons antigos!

P. O que é o Rondô, chamado Triolé?

R. E' uma especie de poema cuja beleza consiste na volta do mesmo pensamento, para fazer parte d'um outro pensamento. Compõe-se de oito versos, dos quaes os da 1.^a estância que tem sentido completo se repetem no fim. Ex:

As borboletas que vivem
Pousando de flôr em flôr,
São mais felizes cançadas
Que as mariposas crestadas
Das chammas ao rubro ardor.
Estas sao mais desgraçadas
Que as borboletas que vivem
Pousando de flôr em flôr.

P. O que é o enigma?

R. O enigma é uma especie de versos, na qual se descreve ou se define uma coisa por suas causas, seos effeitos, suas propriedades com termos equivoccos e que offerecem varios sentidos.



P. Como deve ser o Enigma?

R. O Enigma deve ser curto, preciso e apresentar pouca clareza nas indicações. Ex:

Sou difficil a encontrar
Muito mais a conservar.
Para me conhecerem os curiosos
Fazem-me corte cuidadosos
Mas de apparecer veda-me o destino
Pois no instante em que o dia vejo
Da existencia o curso termino.

P. O que é o Logogripho?

R. O Logogripho é um enigma que faz adivinhar não uma cousa, mas uma palavra pela mesma decomposição d'esta palavra para formar outras. O logogripho è uma reunião de enigmas, de que, uns dizem respeito á palavra total, outros ás syllabas ou letras arranjadas d'um modo differente. Ex:

A minha primeira syllaba	
Primeira sempre será	a
E a primeira com a terceira	
Uma lettra indicará	agá
A segunda com a quarta	
Não custa nada a ninguem	dada
Trocando a vogal do fim	



Para jogo serve tambem	dado
A terceira repetida	
E' infeliz creatura	gaga
Prima, terceira e segunda	
Para a guerra se procura	adaga
As quatro syllabas juntas	
Direitinhas em carreira	adagada
Mostram ferida que faz	
Primeira, quarta e terceira.	

P. O que é a Charada?

R. A Charada é um enigma em que se faz entrar uma palavra da qual se divide as syllabas, quando cada uma d'estas syllabas forma outra palavra. Se diz depois o que significa cada syllaba e o que é a palavra em seo todo. Ex:

E' um verbo minha syllaba primeira,
E as duas outras no barbeiro estam
(São tres syllabas só) Animal, vive
De rastos por Divina maldição.

Pequenos Poemas

P. O que se entende por Pequenos Poemas?

R. Entendem-se as poesias de pouca ex-



tensão. Os principios são: o apologo, a egloga, a epistola, a satyra, a elegia, e a poesia lyrica.

P. O que é o Apologo?

R. O Apologo é uma narração attribuída a seres quaesquer e da qual resulta para os costumes uma instrucção que se chama moralidade.

P. Como deve ser o Estylo do Apologo?

R. O Estylo do Apologo deve ser: simples, familiar, gracioso, natural, risonho e ingenuo. Temos um exemplo no pedaço:

O ROUXINOL E O PARDAL

Do realejo o som seguindo um dia

Tomava o rouxinol lição de canto;

E á gaiola chegando-se entretanto

O Pardal chilrador, assim dizia:

Muito extranho, visinho,

De vêr que d'esse modo em novo estudo

Sendo tu tão prendado,

D'um discípulo teu, és insinado;

Pois, quanto tocar sabe o orgãosinho

A ti se deve tudo.

Apezar d'isso (o rouxinol replica)

Se de mim aprendeu, eu d'elle aprendo



A imitar meos caprichos si se applica
E assim eu os emendo
Sujeitando-me á arte que elle ensina,
E de pressa verás quanto se adianta
Todo o rouxinol que com arte canta.

MORALIDADE

De aprender se dedigna
O litterato grave
Pois mais deve estudar, o que mais sabe.

P. Não ha outras poesias que se refram
ao Apologo?

R. Ha a Parabola.

P. O que é a *Parabola*?

R. A Parabola é uma especie de allegoria que encerra um facto supposto cuja relação com a verdade está explicada ou é facil de explicar.

P. Quaes são as qualidades da Parabola?

R. São: a clareza, a conveniencia, o interesse e o agrado.

P. Dai-me um exemplo d'este genero?

R. Eis um que encontramos na ode dedicada a Mem de Sá:

*Qual indomito touro, que largando
O campo ensanguentado ao seo contrario*



*No cego horror, d'um monte solitario
Se esconde; e grã vingança meditando
Tê cobrar novas forças se recolhe;
Tal entre as brenhas o francez se acolhe.
Alli da Gallia com a fresca gente
Seo furor engrossado
Já torna ao campo ousado,
E nelle vaidoso estende a frente.*

P. O que é a *Metamorphose*?

R. A *Metamorphose* é uma composição fabulosa na qual contam-se as transformações de um ser razoavel, em animal, em planta, em pedra, etc. A mudança de natureza deve ser ou o castigo do crime ou a recompensa da virtude.

METAMORPHOSE DO GIGANTE ADAMASTOR

*Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e valida
De disforme e grandiosa estatura.
O rosto carregado, a barba esqualida
Os olhos encovados e a postura
Medonha e má, a cor terrena e pallida
Cheios de terra, crespos os cabellos,
A bocca negra, os dentes amarellos.
Tão grande era de membros que bem posso*



*Certificar-te que este era o segundo
De Rhodes estranhissimo colosso
Que dos sete milagres foi do mundo;
Com tom de voz nos fala horrendo e grosso
Que pareceu sair do mar profundo;
Arrepiam-se as carnes e o cabelo
A mim e a todos só de ouvil-o e vel-o.*

P. O que é a *Poesia Pastoril*?

R. A *Poesia Pastoril* ou *Bucolica*, é aquella por meio da qual representa-se a vida e os costumes campestres com todos os seos encantos.

P. Como se chama uma peça pastoril?

R. Uma peça pastoril chama-se *Egloga* ou *Idyllio*.

P. Qual é a materia da poesia pastoril?

R. A materia da poesia pastoril é a vida campestre assim como se acha n'uma terra risonha, fertil e habitada por gente singela, alegre, bôa, espiritual, civil e policiada.

Pintam-se os seos sentimentos, seos recreios, alegrias, desejos, queixas, habitações, campos e rebanhos; contam-se tambem suas



acções, jogos, combates entre si ou contra os animaes ferozes.

P. Qual é o fim da poesia pastoril?

R. O fim da poesia pastoril consiste em inspirar pensamentos doces e suaves, em affeição o leitor aos prazeres puros e innocentes.

P. Quaes são as formas da poesia pastoril?

R. São tres: na 1.^a o poeta conta acontecimentos de si mesmo. Chama-se *Epica*. Na 2.^a o poeta esconde-se e não faz apparecer senão seos pastores, que, conversam entre si dos objectos do campo, d'um acontecimento. Então se chama *Dramatica*. Na 3.^a o poeta fala e os actores tambem. Chama-se então *Mixta*.

P. Como deve ser o Estylo da poesia pastoril?

R. O estylo da poesia pastoril deve ser:
1.^o *Simples*. Ex:

Irmã, elle me chamava e eu dizia-lhe irmão
Na cabana de meo pai comiamos o mesmo pão
Emquanto elle ali estava viviamos assim
Tudo o que eu queria, elle o queria outrosim.



2.^o *Doce*, isto é, misturado de delicadeza e simplicidade.

DESCRIÇÃO D'UMA ARVORE NOTAVEL
POR SUA GRANDEZA

Quando já o claro raio reluzia
Do louro Phebo, n'agua e começava
O orvalho derreter, dourar o dia
Ao pé d'um gran salgueiro rodeava
O gado de Castalio e de Serrano
Que ambos um bom amor sempre juntava.

3.^o *Singelo*, isto é cheio d'aquella simplicidade de criança que é sempre a fonte d'um prazer puro e verdadeiro. Ex:

Quando tange a Ave Maria
A canora passarada
Corta silente a quebrada,
Busca o ninho, ao pôr-do-dia.

4.^o *Gracioso* em suas descrições:

UMA MENINA QUE PEREGRINANDO CONTA
Á SUA MÃI O QUE FAZIA

Tecia alvos cestinhos, quando andava
Com as vacas no prado; á noite um cheio
De fructas, de flôres outro e lhe levava.
Nas mangas e no seio



As nozes lhe levei e as castanhas
Quer do souto do pai, quer de outro alheio.

P. Quando é que a poesia pastoril toma
o nome de Egloga?

R. A poesia pastoril toma o nome de
Egloga, quando o poema é a expressão da
vida campesina, a que andam ligadas ideias
de paz, de descanso e de innocencia e que
o mesmo poema é feito em forma dialogis-
tica entre pastores. Ex.:

SYLVIO

Seccai-vos verdes campos luzitanos
Seccai fontes e rios, seccai flôres
Mostrai n'este gran danno, grandes damnos
Cobri-vos verdes campos d'outras côres
Tão tristes como traz a dôr consigo
Senti tamanha perda dos pastores.

SERRANO

Descobre esse mal já, ah! Sylvio amigo
Se pois é mal commun segundo vejo
Tambem chorarei aqui contigo!

P. Quando é que a poesia pastoril toma
o nome de *Idyllio*?



R. A poesia pastoril toma o nome de *Idyllio* quando apresenta uma pintura, uma imagem graciosa, sentimentos doces, narrações agradáveis.

Temos um bello exemplo d'este genero na poesia seguinte dedicada á manhã.

*--A rosada manhã, serena desce
Sobre as azas do Zephiro orvalhadas ;
Um christallino aljofar resplandece
Pelas serras de flores marchetadas :
Fugindo as lentas sombras dissipadas
Vam em subtil vapor, que se converte
Em transparentes nuvens praticadas.
Saudam com sonora melodia
As doces aves na frondosa selva
O astro que benefico allumia
Dos altos montes a florida relva :
Uma, a cantiga exprime modulada,
Com suave gorgêio, outra responde
Co'os brandos silvos da garganta inflada ;
Como os raios partindo do horizonte
Ferem brilhando com diversas cores
As claras aguas da serena fonte.*

P. Qual é o meio de entender a poesia pastoril?

R. E' de introduzir n'ella os diversos in-



cidentes que dam occasião aos pastores de mostrarem suas inclinações, sua felicidade domestica, o affecto dos pais para com os filhos; dos irmãos entre si. enfim os acontecimentos quer felizes, quer tristes que podem interessar uma familia.

P. O que é a *Satyra*?

R. A *Satyra*, é um discurso em versos no qual attacam-se directamente os vícios e os defeitos dos homens, e no qual censuram-se os máos livros.

Eis, uma graciosa dirigida aos hypocritas e murmuradores:

*—D'estes que campam no mundo
Sem ter engenho profundo,
E entre o gabo dos amigos,
Os vemos em papa-figos
Sem tempestade nem vento
Anjo bento!*

*De quem com lettras secretas
Tudo o que alcança e por tretas.
Bocalejando sem pejo
Para matar o seo desejo
Desd'a manhã té a tarde
Deos me guarde!!!...*



P. O que é a *Elegia*?

R. E' um pequeno poema que tem por fim a queixa e a dôr.

P. Como deve ser o estylo da *Elegia*?

R. O estylo da *Elegia* deve ser: facil natural e cortado.

Com delicado pincel, Bocage, traça-nos o quadro da entrada de Maria Antonietta na celeste Sião, seu encontro com Luiz XVI, reunindo ambos as suas preces para que a Divina bondade se amercie do povo francez:

— Já cerrados estaes, olhos divinos ;
Já voando cumpriste, alma formosa,
A ferrea lei d'asperrimos destinos.
Do rei dos reis, na cõrte luminosa
Revês, o pio heróe por nós chorado,
Que da excelsa virtude os louros goza.
Na mente vos observo ; cil-o a teu lado
Implorando ao Senhor que aos mãos flagella
Perdão para seo povo allucinado.
Despido o véo corporeo, ó alma bella !
No scio d'immortal felicidade.
Só sentes não voar mais cedo a ella !
Emquanto aos monstros d'horrida maldade,
Murmura a seo pezar no peito iroso
A voz da vingadora eternidade,



Desfructa summa gloria, ó par ditoso!
Logra em perpetua paz, jubilo immenso
Que o mundo consternado e respeitoso
Te aprompta as aras, te dispõe o incenso.

P. O que é a *Poesia-Lyrica*?

R. A *Poesia Lyrica* é assim chamada porque era destinada outr'ora a ser cantada sobre a lyra; é a expressão do sentimento, acompanhada por uma forma de versificação que imita o canto.

P. O que comprehende a *Poesia Lyrica*?

R. A *Poesia Lyrica* comprehende: 1.º A *Ode* ou *Hymno*; 2.º a *Cantata*; 3.º a *Canção*; 4.º o *Dithyrambo*; 5.º o *Epithalamio*; 6.º a *Lyra*.

P. O que é a *Ode*?

R. A *Ode*, é um poema lyrico, cuja forma consiste n'uma serie de estrophes iguaes entre si.

P. Dai-nos um exemplo de *Ode*?

R. Eis um bellissimo exemplo na Ode seguinte de D. J. G. Magalhães que tem por titulo:



NAPOLÉÃO EM WATERLOO

*Waterloo ! Waterloo ! Lição sublime
Este nome revela á humanidade !
Um oceano de pó, de fogo e fumo,
Aqui varreo o exercito invencível,
Como a explosão outr ora do Vesúvio
Até aos pés inundou Pompeia.
Aqui morreram de Marengo os bravos !
Entretanto esse heróe de mil batalhas,
Que o destino dos reis nas mãos continha,
Esse heróe que co'a ponta de seo gladio
No mappa das nações traçava as raias,
Entre seus marchaes, ordens dictava !
Oh ! porque não venceu ? ! Fácil lhe fora !
Foi destino ou trahição ? A aguiá sublime,
Que devassava o céu com vôo altivo
Desd'as margens do Sena até o Nilo,
Assombrando as nações co'as largas azas,
Porque se nivelou aqui co'os homens ?
Oh ! porque não venceu : O Anjo da gloria
O hymno da victoria ouviu tres vezes,
E tres vezes bradou : E' cedo ainda !
A espada lhe gemia na bainha
E inquieto relinchava o audaz gineté !*

P. O que é o *Hymno* ?

R. O *Hymno* é um cantico de louvor



em honra da Divindade ou da Virgem Santíssima; dos Santos; em honra da patria.

P. O que é o *Hymno Sagrado*?

R. O *Hymno Sagrado* é a expressão solemne d'um povo que se eleva a Deos por um Santo entusiasmo á vista das maravilhas de natureza, dos prodigios da graça e para exprimir sentimentos de gratidão, de amor, de temor, de respeito.

P. Como ha de ser esta especie de poema?

R. Ha de ser: religioso e moral; deve dar uma justa ideia do Deos que se celebra, de sua grandeza e santidade; deve louvar as virtudes dos santos, para nos levar a imitar seos exemplos, e mostrar-nos nos mysterios da religião, motivos de amor e de esperança. Lxx:

—*Salve, Mãe Immaculada*

Do christão, força e luz

Vós, filha de Deos, amada

Pura Mãe do bom Jesus!

.....

A vossos pés, vede-nos ó Maria,

De vosso auxilio, implorando o favor

A vós clamamos, valei-nos, Mãe pia,

Dai-nos mais fé, mais confiança e amor.

.....



*Quando ronca a tempestade
E se nos escurece o ar
Quem nos dá serenidade ?
Só voz, Estrella do Mar !*

P. O que é a *Cantata*?

R. É um poema lyrico, feito para ser cantado.

P. Quantas partes distinguem-se na cantata?

R. Na Cantata, distinguem-se duas partes mui diversas.

1.^o A parte denominada *Recitativo* que é dedicada a narrar o assumpto do poema.

2.^o A parte denominada *Aria*, que consta de alguma reflexões delicadas, suggeridas pelo Recitativo.

P. Dai-nos um exemplo de Cantata?

R. Eis uma obra prima d'este genero:

RECITATIVO

DA IMMORTALIDADE DA ALMA

*Porque choras Fileno ? enxuga o pranto
Que rega o teu semblante, onde a amizade
De seos dedos gravou o terno toque.
Ah ! não queiras cortar minha esperança*



*É de dôr embeber minha alegria
Tu cuidas que a mão fria
Da morte, congelando os frouxos membros
Nos abysmos do nada inscrutaveis
Vai, de todo afogar minha existencia ?
E' outro o meu destino, outra a promessa
Do espirito que em mim vive e anima.
A horrenda sepultura,
Conter não pode a luz brilhante e pura
Que soberana rege o corpo inerte.
Não descobres em ti um sentimento
Sublime e grandioso, que parece
Tua vida estender além da morte ?
Attenta !... escuta bem... olha, examina
Em ti deve existir, eu não te engano
Tu me dizes que existe ? Ah ! meo Fileno,
Como é doce a lembrança
D'essa vida immortal, em que banhado
De ineffável prazer, o justo gosa
De seo Deos, a presença magestosa !*

ARIA

*Desperta ô morte
Que te detêm ?
Teu cruel braço
Esforça e vem.
Vem por piedade
Já traspassar-me
E avisinhar-me
Do Summo Bem !*



P. O que é a *Canção*?

R. A *Canção* é um pequeno poema lyrico de que cada estrophe leva o nome de Copla.

P. Como deve ser o estylo da *Canção*?

R. Deve ser: gracioso, vivo, alegre; a versificação facil e natural. O trabalho não se deve fazer sentir.

P. O que é o *Epithalamio*?

R. O *Epithalamio* é um poema composto para se cantar na occasião d'um casamento.

Grandes Poemas.

P. O que se entende por *Grandes Poemas*.

R. Entende-se os poemas constituídos sobre um plano d'uma extensão consideravel, e que exigem especialmente um genio grande, rico, assaz forte, para se sustentar até o fim.

P. Quantas são as especies de *Grandes Poemas*?

R. Tres: o *Poema Didactico*, o *Poema Dramatico*, o *Poema Épico*.



Poema Didactico.

P. O que é o Poema didactico?

R. E' um poema que tem por fim directo communicar conhecimentos e instrucções por meio dos encantos da poesia.

P. Quantas são as especies de Poema Didactico?

R. Distinguem-se tres especies de Poema Didactico a saber: o *Poema Philosophico*, que desenvolve principios da ordem physica, moral e metaphysica. Ex: O Padre Agostinho José de Macedo, pinta o estado do homem, antes que a civilisação lhe viesse modificar a natureza:

*Da culpa é primogenita a ignorancia,
D'ella romperam carregadas sombras,
Que os claros horizontes enluctáram
Da razão que no berço em luz nascêra:
Qual dos corruptos pantanos se eleva
Exhalação mephitica, que abafa
E que embacia o só!, toldando os ares.
O rei da criação, tu foste, ó homem!
Ficaste escravo em carcere profundo:
A doce habitação do Eden viçoso*



*Onde um instante só, tiveste o sólo
Perdeste para sempre ; errante e triste,
Tu foste ser habitador dos bosques,
Dando suor e lagrimas á terra,
Que indocil a teu braço entre os abrolhos
Te dava apenas misero sustento,
Que disputavam-se as feras rebelladas ;
Qual ephemera flor que brota e murcha
Assim vemos nascer na primavera
Resplandescente o sól, risonho o dia
Que subito negrume em nuvem densa
Aos olhos rouba a luz e a paz aos ares ;
Tal o destino do immortal primeiro ;
Nascendo viu a luz serena e pura ;
Raial-a viu ! estaccer-se logo.
Houve entre o berço e o tumulto um só dia
E tanto pôde em nós ser erro e crime
Que temos por herança o mal e a morte !
Para nós foi desterro o que era patria
A um dia d'ouro seculos de ferro
Se viram succeder ; fechada noite
Profunda escuridão pousou na terra
De mistura com as brutas alimarias
O rei da creação nos bosques vive !*

P. Qual é a segunda especie de Poema?

R. A segunda especie de Poema é o
Ditactico, propriamente dito que vai dando



preceitos soltos, sobre varios assumptos, por exemplo, sobre a vida humana em geral, sobre os diversos caracteres dos homens, sobre objectos de critica etc. Toma ordinariamente n'este caso a denominação de *E-pistola*. Exemplo:

*Em selva escura, andamos ás escuras,
Sem ver do gran planeta claro e puro
O lume que dá luz ás luzes puras.
Oh ! bomaventurado o que seguro
No campo vive com seos bois lavrando,
A dura terra com arado duro.
Ou vai o longo rego semcando,
Ou o monda, ou rega desde que nasce,
Ou com foiceinha torta o vai segando.
Ou emquanto no prado o gado pasce,
A videira sem mimo infructuosa
C'o alamo sombrio espouse e abraçe
Ou em planta silvestre e amargosa,
Enxerta com mão dextra, e ferro agudo,
Outra de melhor gosto e mais mimosa.
Bem se pode chamar ditoso em tudo
O que tamanho bem do céu alcança,
Que gasta assim seos tempo e seos estudo;
Que da fortuna adversa, aspera mudança
Não teme, nem dos homens mil enganos,
Nos quaes ter-se não deve confiança.*



*Nunca damna ninguém, nunca vê damnos
Que causem na sua alma tal tristeza,
Que mais azinha veja o fim dos annos,
Goza dos puros dons da natureza,
De mil suaves fructos, de mil flôres,
Que parte a primavera com largueza.*

Poema Dramatico.

P. O que é o *Poema Dramatico*?

R. O *Poema Dramatico*, em geral, é a representação por personagens, actores ou actrizes, e como uma acção é tragica ou comica, resulta que o drama ou poema dramatico encerra a tragedia e a comedia.

P. A que se referem as regras do Drama?

R. As regras do Drama referem-se:

1.^o ás qualidades da acção; 2.^o á conducta da acção; 3.^o ás personagens que concorrem para a acção.

P. Quaes são as qualidades da acção dramatica?

R. As qualidades da acção dramatica são: — 1.^o a Verosimilhança; 2.^o a Integridade; 3.^o a Unidade.

1.^o — A acção é verosimel quando ha mo-



tivo para crêr que foi feita ou que se pode fazer.

2.^o — A acção é inteira, quando tem um princípio ou exposição de assumpto, um meio ou nó, um desfecho ou exito.

3.^o — A acção deve ser uma. A unidade de acção comprehende: a unidade de facto, a unidade de lugar e a unidade de tempo.

P. Como se ha de conduzir a acção dramatica?

R. Conduzir-se-ha a acção expondo:

1.^o — o assumpto, e dando uma ideia geral, d'aquillo que se vai representar.

2.^o — o nó ou intriga, que é uma combinação de circumstancias inesperadas que despertam a curiosidade e retardam o cumprimento da acção;

3.^o — o desfecho; deve ser preparado pelos factos precedentes e conduzido com arte. O desfecho leva o nome de peripecia, quando é infeliz.

P. O que ha de se notar nos personagens dramaticos?

R. Notar-se-ha: 1.^o que os personagens



são os primeiros objectos que attrahem a attenção do espectador; deve-se tomar cuidado de represental-os taes quaes são, para facilitar o exito da empreza.

Em 2.^o lugar cada um d'elles deve ter um character e costumes bem assignalados. O character, é uma inclinação particular; e por isso deve ser estudado sempre de preferencia ás outras.

Os costumes são esta mesma inclinação modificada: educação, idade, paixões.

Os costumes dramaticos hão de ser: locaes, bons, convenientes, verosimeis, iguaes e variados. São locaes, quando apresentam os costumes da terra, do seculo em que viveram os personagens.

São *bons*, quando representam a natureza humana com suas dualidades e suas fraquezas, dando sempre vantagem á virtude.

São *convenientes*, quando os personagens falam e obram segundo a sua idade, seo sexo, sua condição, e a situação em que se acham.

São *verosimeis*, quando são conformes ao



que a historia, a fabula ou tradicção nos ensinam dos personagens representados.

São *iguaes*, quando os personagens conservam bem seo papel de principio até o fim.

São *variados*, quando fazem sobresahir os caracteres variados de cada personagem.

O personagem principal deve superar os mais seja pelo lugar, seja pela força, ou pela bondade ou maldade do genio.

Os discursos dos personagens são dialogos ou monologos. O Dialogo é um discurso entre dois ou mais personagens. O Monologo é um discurso em que o actor fala comsigo mesmo.

P. O que é a *Tragedia* ?

R. A *Tragedia* é a representação d'uma acção heroica ou desgraçada.

O fim da *Tragedia* é inspirar horror ao crime e amor ás grandes virtudes.

P. Como póde ser heroica a acção da *Tragedia* ?

R. Póde ser heroica em seo principio, em seo objecto, ou pelas qualidades dos actores. E' heroica em seo principio, quando



sahe d'uma alma forte, superior ás almas ordinarias. E' heroica em seo objecto quando está fundada nos interesses d'um rei, d'um grande, como no *Cid*; d'uma acção heroica como nos *Horacios*: da religião, como em *Athalia*.

E' heroica pelas qualidades dos actores quando os personagens que concorrem para fazel-a são reis, príncipes, personagens illustres. Os principaes actores devem ter alguma cousa de nobre e de realçado em seo character. Se são virtuosos, suas virtudes serão acima das virtudes ordinarias. Se são máos, seos vícios terão uma energia que indicará uma alma forte em suas ruindades; força que se fará admirar e ao tempo levará o ouvinte a odiar o crime.

P. De que modo pode ser desgraçada a acção da Tragedia?

R. Para ser desgraçada, não é necessario que o desfecho seja sanguinolento ou atroz; basta que as paixões sejam fortemente agitadas e que tudo respire uma tristeza magestosa.



P. Como deve ser o estylo da Tragedia?

R. Deve ser: puro, nobre, elegante; porêm, sem emphase nem affectação.

P. Quantas especies de Tragedias se distingue?

R. Distinguem-se tres especies: a Tragedia, propriamente dita, de que se acaba de falar; a Tragedia Popular ou Drama e a Tragedia Lyrica ou Opera.

P. O que é a Opera?

R. A Opera ou Tragedia Lyrica é uma tragedia feita para ser cantada. A acção que representa é como a da tragedia, heroica e desgraçada: mas differe d'ella, em que se lhe pode accrescentar o maravilhoso.

Da Comedia

P. O que é a Comedia?

R. É a representação da vida ordinaria, mostrada debaixo d'uma forma ridicula. A Comedia, tem por objecto as loucuras dos homens, seos vicios, expostos á censura, para, satyrisando, corrigil-os.

P. O que é o ridiculo?



R. É uma deformidade de genio e de costumes que não são conformes aos usos recebidos.

P. Qual é o fim moral da Comedia?

R. É corrigir os vicios dos homens pondo debaixo de seos olhos a imagem viva d'esses vicios.

P. O que se entende por comico?

R. Entende-se a reunião do risivel e do ridiculo.

P. O que é o risivel?

R. É o exterior do ridiculo.

P. Quantos generos distingue-se na comedia?

R. Distingue-se tres generos: a Comedia de character, a Comedia de enredo, a Comedia episodica ou mixta.

1.^o A Comedia de character, apresenta um character dominante que faz propriamente o assumpto da peça e a acção deve ser a mais favoravel para pôr em evidencia e assinalar esse character.

Taes são: *L'avare*, de Morlière; *Le Fouteur*.

2.^o A Comedia de enredo, que, consiste



n'um encadeamento de aventuras divertidas, que deixam o ouvinte á espera e formam um obstaculo que cresce ate ao desfecho.

3.^o A Comedia Mixta, formada de varios caracteres oppostos entre si sem que nenhum d'elles seja dominante. Esta Comedia não forma um genero separado; é apenas uma variedade da Comedia de character.

P. Como deve ser o estylo da Comedia?

R. Deve ser: claro, puro, simples, elegante, facil, como o da conversação. Pode algumas vezes elevar-se acima do tom ordinario d'uma conversação polida, porém, nunca deve descer a expressões vulgares, baixas ou grosseiras.

Da Epopéa

P. O que é a *Epopéa*?

R. A *Epopéa*, é a narração d'uma acção verosimel, heroica, maravilhosa; é a manifestação poetica d'uma grande e illustre empreza. É a narração d'um facto verosimil, por isso differe da historia que só narra factos verdadeiros. É a narração d'uma acção



heroica e maravilhosa; isso lhe communica o brilho e a grandeza que a fazem admirar.

P. Qual é o fim da Epopéa?

R. O fim da Epopéa é encher o mundo de admiração pelos exemplos de grandes acções, grandes calamidades ou grandes virtudes, para inspirar sentimentos nobres, elevados e magnanimos e o desejo de imitar os bellos modelos apresentados.

Emfim, a Epopéa, deve ser o espelho fiel das ideias religiosas e moraes.

GRACIOSA PINTURA DAS RIBAS DO URUGUAY

(E Andrade quem fala)

*Porem o rio e a forma do terreno
Nos faz não vista e nunca usada guerra.
Sahe furioso do seu seio e toda
Vam alagando com o desmedido
Peso das aguas a planicie immensa.
As tendas levantei primeiro aos troncos;
Depois aos altos ramos pouco a pouco
Fomos tomar na região do vento
A habitação aos leves passarinhos.
Tece o amaranhadissimo arvoredo
Verdes, irreguladas, e torcidas
Ruas e praças, d'uma e d'outra banda*



*Cruzadas de canoas. Taes podemos
Co' a mistura das luzes e das sombras
Ver por meio d'um vidro transplantado
Ao seio d'Adria, os nobres edificios
E o jardim que produz outro elemento,
E batidas do remo navegaveis
As ruas da marítima Veneza.*

P. Quaes são as regras relativas a Epopéa?

R. Estas regras referem-se a quatro objectos: ás qualidades da acção epica, ás personagens, á forma e ao Estylo.

P. Quaes são as qualidades da acção epica?

R. As qualidades da acção epica, são cinco: a verosimilhança, a unidade, a integridade, a grandeza e o interesse.

1.º A *Verosimilhança*, consiste em que a acção tenha a apparencia da verdade, embora seja uma ficção.

2.º A *Unidade*, que forma do assumpto um só todo. Esta unidade deve ter um principio, um meio e um fim; porém, não deve excluir os episodios. Estes são certos incidentes, ou certas acções, introduzidas na narração e ligadas com a acção principal.



3.^o *A Integridade* da acção consiste em que seja inteira; para isso deve ter uma justa grandeza e um complemento, isto é, que satisfaça inteiramente a curiosidade do ouviente.

4.^o *A acção deve ser grande* em seo principio, em seo objecto, ou pelas qualidades dos actores.

5.^o *O Interesse* que nos faz presentir e desejar o que convém á honra. á utilidade ou vantagem geral e particular dos personagens.

P. Qual deve ser o numero de personagens na Épopéa? E de quantas especies se distingue?

R. O numero de personagens está determinado pela precisão da acção a que devem concorrer, seja para facilitar, seja para diffcultar a sua execução.

Distinguem-se tres especies de personagens na Épopéa: os personagens reaes e heroicos, os fabulosos ou sobrenaturaes e os allegoricos.

P. O que se deve notar na forma da Épopéa?



R. Nota-se: a Proposição ou principio, a Invocação e a Narração.

1.^o *A Proposição ou principio.* O principio não é outra coisa senão a exposição do assumpto. Elle deve annunciar a sua importancia e deixar entrever o interesse que merecem o heróe e a empreza. Tal é aquelle do Tasso:

— Eu canto os piedosos combates e a guerra que libertou o tumulto de J. Christo. Numerosas façanhas assignalaram sua prudencia e seo valor, n'essa gloriosa conquista. Em vão, o inferno sublevou-se contra elle: em vão se armaram reunidos contra elle os povos da Asia e da Africa; o céo favoreceu seos esforços, elle reconduziu sob as santas bandeiras, seos companheiros errantes.

2.^o *A Invocação,* é uma oração dirigida pelo poeta a alguma divindade, para que o sustenha em sua narração. E' mui propria para excitar a admiração. Justifica todos os prodigios, todos os segredos naturaes que o poeta vai desenrolar a nossos olhos. Esta oração deve ser curta.



—O Tasso continua sua exposição pela invocação seguinte:

O' Musa, ó tú, que sobre o Helicon não cinges a cabeça d'um louro ephemero, mas que no céo, no meio dos côros celestiaes te corôas de reluzentes estrellas; inspira um divino ardor á minha alma, dá nobreza a meos cantos, perdôa se em meos versos s' encontram outros encantos que os teos!

Sabes, que os mortaes gostam de percorrer os trilhos do Parnaso, a verdade offerecendo-se a seos olhares, adornada das graças e bellezas de que é susceptivel, arrasta e subjuga os corações os mais rebeldes; e d'este modo que, a um menino doente se lhe apresenta um vaso cujas bordas são regadas d'um suave licor. Elle bebe os succos amargos e fica assim devedor da vida a esse innocente artificio.

3.^o *A Narração.* A narração pode se principiar de dois modos. O poeta pode seguir a ordem dos acontecimentos, ou pôde lançar-se precipitadamente no meio da acção para contar ou para fazer contar ao seo heróe os acontecimentos precedentes.



O *Tasso*, na sua *Jerusalem Libertada* emprega a 1.^a forma: faz juntar os Cruzados, na volta da primavera e conta os acontecimentos na ordem em que tiveram lugar.

Virgilio, pelo contrario, apresenta de repente a frota dos Troyanos vagando sobre o mar de Toscana, lançada por um temporal nas costas de Carthago, e colloca depois na bocca do heróe Troyano a narração da destruição de Troya.

P. Qual deve ser o estylo da Epopéa?

R. O estylo da Epopéa deve ser cheio de pensamentos nobres, sentimentos elevados, de imagens vivas, torneios ousados, ricos de côres e de harmonia, cheios de fogo e de rapidez. E' nella sobretudo que o poeta deve ser pintor e desenrolar todos os thesouros de sua eloquencia; a variedade dos paineis, a riqueza das comparações não são dos menores ornamentos do Poema epico.

P. Quaes são os poemas secundarios que se referem á Epopéa?

R. São: o poema heroico, o poema narrativo e o poema heroi-comico.



1.º O Poema heroico. é uma especie de Epopéa na qual o poeta conta as façanhas d'um heróe e celebra os acontecimentos do modo que se passaram sem recorrer ás ficções nem ao maravilhoso. E' isto que o distingue da Epopéa, de que, entretento, elle empresta a fórma.

2.º O Poema narrativo, pode ter no pensamento e na expressão a mesma pompa que o Poema epico; mas, differe d'elle porque pode ser de pequena extensão. Não está limitado como o poema heroico, só a cousas sérias.

3.º O Poema heroi-comico é a narração d'uma cousa simples, ordinaria e quasi sempre jocosa. Elle empresta o maravilhoso e toma o tom epico. O contraste entre o tom elevado e a pequenez do assumpto o torna extremamente divertido.

P. Quaes são os mais bellos Poemas Epicos?

R. Os mais bellos poemas epicos, são:

A Jerusalem Libertada, do Tasso, *o Paraizo Perdido*, de Milton, *a Messiada* de



Klopstook; a *Encida* de Virgilio; a *Illyada* e a *Odysséa* de Homero.

P. Citai-nos alguns fragmentos d'este genero?

R. Eis um, em que o Tasso, pinta o Anjo Gabriel:

*Assim disse: e Gabriel se prevenia
Feloz a executar a alta embaixada,
Sua forma invisivel de ar vestia
Com apparencia humana disfarçada;
Membros mortaes, vista mortal fingia,
Mas de luzes celestes adornada,
D'entre menino, e moço levava ensaios,
Cujos louros cabellos são de raios.
Azas brancas, vestiu d'ouro adornadas,
Que os mais ligeiros vôos excedendo,
Cortam ventos e nuvens e arrojadas
Sobre terras, e mares vem descendo:
Assim vestido, ás infimas moradas
Vai o fiel mensageiro percorrendo,
E no Libano Monte estando apenas
Se tornou a librar nas iguaes pennas.
A região de Tortosa, que buscava,
Com vôo arrebatado se partia:
Da praia Eolia o sôl se levantava,
E uma parte mostrava, outra escondia:
Godofredo, como sempre costumava,*



*Matutina oração a Deos fazia,
Quando ao par com o sol, mas mais luzente,
Lhe appareceu o Anjo do Oriente.*

Discurso Oratorio

P. O que é o Discurso Oratorio?

R. O Discurso Oratorio é uma continuação de pensamentos e de sentimentos exprimidos com nobreza, que conduzem á prova d'uma verdade e d'ahi á persuasão.

P. Quantas cousas são necessarias para persuadir?

R. Para persuadir, tres cousas são necessarias: instruir, agradar e tocar. Instruir, é illuminar o espirito fazendo conhecer a verdade. Agradar, é deleitar a imaginação, fazendo admirar essa verdade. Tocar, é dominar a alma, fazendo sentir todo o peso, toda a força d'essa verdade. Para alcançar esses tres fins é preciso ter eloquencia e conhecer as regras da rethorica.

P. Quantas cousas são necessarias no Discurso Oratorio?

R. O Discurso Oratorio suppõe tres



partes: a invenção, a disposição e a elocução.

Invenção Oratoria

P. Quantas partes encerra a Invenção Oratoria?

R. Tres partes: 1.^o as provas, 2.^o os costumes, 3.^o as paixões.

P. O que são as provas?

R. As provas são razões com que o orador apoia a verdade que quer demonstrar.

P. O que se entende por costumes?

R. Os costumes são habitos bons ou máos dos homens e os usos ordinarios da vida. Os costumes relativamente ao discurso oratorio, consideram-se na pessoa do orador e na pessoa dos ouvintes.

P. O que se entende por costumes considerados na pessoa do orador?

R. Entende-se as qualidades que devehlle attrahir a estima e a confiança de seos ouvintes. Aquelle, cujas virtudes igualam aos conhecimentos, chegará mais facilmente a persuadir e a convencer.



P. O que se entende por costumes considerados nos ouvintes?

R. Entende-se o character que lhes é particular e que é differente segundo a idade, a posição e a condição. O orador deve notar esses caracteres afim de observar as conveniencias oratorias.

P. O que se entende por conveniencias oratorias?

R. Entende-se a arte de collocar á proposito todo o que se diz e tudo o que se faz. Para isso deve-se dar attenção, não só ao character do ouvinte como tambem ao tempo e ao lugar em que se fala.

P. O que são as paixões?

R. As paixões são sentimentos da alma; ellas se referem todas as duas fontes principaes; o amor e o odio, que tomam differentes nomes, segundo o objecto, a força e a influencia d'ellas; assim o amor chama-se piedade, ternura, reconhecimento; o odio, receio, vergonha, ira, vingança etc. Não é senão excitando as paixões, que o orador vem a ser eloquente. Para conseguir este



fim, são-lhe necessárias: a imaginação, a sensibilidade e o discernimento.

Disposição Oratoria

P. De que trata a Disposição Oratoria

R. Trata: 1.^o das partes do discurso e da ordem em que ellas devem ser postas; 2.^o das qualidades necessárias ao plano do discurso.

P. Quantas partes pode encerrar um discurso?

R. Um discurso pode encerrar seis partes: 1.^o o exordio; 2.^o a proposição; 3.^o a narração; 4.^o a confirmação; 5.^o a refutação 6.^o a peroração. O arrazoado as reúne todas.

A oração funebre e o panegyrico não precisam de refutação, mas o sermão a admite.

P. O que é o Exordio?

R. O Exordio é a instrucção do discurso. E' um modo de principiar que o orador emprega para conciliar a benevolencia, excitar a attenção dos que o escutam.

P. O que é a Proposição?

R. A Proposição, é a exposição clara e precisa do assumpto que se vai tratar. Ha duas



especies de proposições: a proposição simples, que não contém senão o objecto a provar; e a proposição composta, quando varios objectos pedem cada um sua prova á parte.

P. O que se entende por narração oratoria?

R. Entende-se a relação do facto sobre o qual os juizes tem de pronunciar ou aquella dos acontecimentos que illustráram a vida d'um heróe.

P. O que é a Confirmação?

R. A Confirmação é a parte do discurso em que o orador prova o que disse na proposição. Para provar evidentemente, é preciso: 1.^o escolher e distribuir bem suas provas; 2.^o raciocinar bem.

P. O que é a Refutação?

R. E' a parte do discurso em que se destróe os meios de seo adversario e amiudo tem-se sophismas a combater.

P. O que se entende por sophismas?

R. Entende-se certos raciocinios de que bem se conhece a falsidade, ainda que se fique embaraçado para demonstral-o

P. O que é a Peroração?



R. A Peroração é a conclusão do discurso; é a parte em que o orador acaba de convencer os espiritos e tocar os corações.

P. O que é a Elocução?

R. A Elocução é o modo pelo qual as ideias são exprimidas; ella é para o discurso o que o colorido é para a pintura; mas, estas cores não podem sobresahir, senão quando a acção do orador estiver conforme com o que exprimir. A acção no orador, é, por assim dizer, a eloquencia do corpo. Ella encerra a pronuncia e os gestos. A pronuncia, deve ser: pura, distincta e regrada; o gesto, natural e expressivo.

.....
M. Geruzez, n'uma narração ingenua, mostra quanto é natural a divisão do discurso em seis partes:

Uma criança, diz elle, tendo a pedir alguma coisa a seos pais, ou a seos mestres chega-se a elles com ar gracioso e submisso, dirige-lhes uma palavra agradavel e lisongeira informa-se da sua saude. Depois d'este Exordio, arrisca uma proposição pede uma



licença, um passeio, uma isenção de dever; se encontrar alguma resistencia, logo allega a sua boa conducta, seo trabalho, seos successos; promette redobrar de deligencia; tal é a sua Confirmação. Se lhe fazem algumas objecções, não deixa de as refutar; enfim, se se parece ainda indiciso, ella reúne suas razões em uma peroração, lhe dando mais força por suas lagrimas ou caricias.

A criança segue a mesma marcha que o orador, porque essa é a marcha da natureza.

Plano d'um Discurso

VERDADE DA RELIGIÃO. (por Massillon).

EXORDIO—A verdade da Religião, está estabelecida sobre clarissimas e solidas provas, entretanto ha homens que não querem reconhecê-la.

PROPOSIÇÃO—Quero provar que a verdade da Religião é incontestavel.

DIVISÃO—Esta verdade, está fundada sobre tres caracteres que distinguem emminantemente a religião Christã: 1.^o Ella é razoavel: 2.^o E gloriosa; 3.^o E' necessaria.



CONFIRMAÇÃO

A Religião
Christã é ra-
soavel por-
que se apoia.

1.º Sobre a maior, a mais respeitavel e a mais bem estabelecida auctoridade existente sobre a terra.

2.º Sobre as unicas idéias dignas de Deos e do homem.

3.º Sobre os motivos os mais proprios para submetter os espiritos os menos credulos.

A Religião
Christã é glo-
riosa.

1.º Pelas promessas que encerra relativamente ao futuro.

2.º Pela situação em que ella põe o justo no presente.

3.º Pelos grandes modelos que ella propõe á imitação.

A Religião
Christã é ne-
cessaria.

1.º Porque a razão do homem é fraca, é necessario ajudal-a.

2.º Porque esta mesma razão corrompida é necessario cural-a.

3.º Porque sendo ella inconstante é necessario fixal-a.

PERORAÇÃO.

A Religião Christã é verdadeira, por conseguinte é preciso apegar-nos a ella, viver segundo suas leis.



Diversos generos de Discurso Oratorio.

P. Em quantos generos se divide o discurso oratorio?

R. Divide-se o discurso oratorio em tres generos: o genero demonstrativo, o genero deliberativo, o genero judicial. O genero demonstrativo, tem por objecto principal, louvar ou censurar. O genero deliberativo, aconsellar, dissuadir; o genero judicial, defender ou accusar.

Genero Demonstrativo

P. O que comprehende o genero demonstrativo?

R. Comprehende: 1.^o o discurso satyrico; 2.^o o discurso academico; 3.^o o panegyrico; 4.^o a oração funebre.

P. O que é o discurso satyrico?

R. O discurso satyrico é aquelle no qual o orador se propõe de demonstrar no tribunal da opinião publica, os abusos, os crimes, as conspirações dos máos cidadãos.



P. O que é o discurso academico?

R. O discurso academico é assim chamado por ser pronunciado nas academias ou sociedades sabias: Comprehende: 1.^o os discursos de recepção; 2.^o as arengas ou cumprimentos; 3.^o as memorias sobre as sciencias, as artes e as obras de erudição.

P. O que é o panegyrico?

R. O panegyrico é, em geral, um discurso ou elogio d'alguem de quem se celebram as virtudes e as acções como modelos a imitar. O panegyrico christão é inteiramente consagrado aos santos.

P. O que é a oração funebre?

R. E' uma especie de panegyrico consagrado á memoria dos defuntos.

Genero Deliberativo

P. O que encerra o genero deliberativo?

R. O genero deliberativo encerra: 1.^o os discursos politicos; 2.^o as arengas militares; 3.^o os discursos sagrados.

P. O que são discursos politicos?

R. Os discursos politicos são aquelles



que os homens encarregados das differentes partes do governo, são obrigados a fazer sobre as finanças, a paz, a guerra, a segurança das fronteiras, o commercio, os estabelecimentos das leis. O estylo deve ser: varonil, simples, natural e sobre tudo claro

P. O que é a arenga militar?

R. A arenga militar é um discurso pronunciado por um general de exercito para excitar ou alentar o valor de suas tropas. Estes discursos devem ser curtos, vivos e cheios de fogo.

—O grande Condé, antes da batalha de Lans, disse aos seus soldados. Amigos, lembrai-vos de Rocroy, de Friburgo, e de Norlingen.

P. O que são os discursos sagrados?

R. Os discursos sagrados são aquelles que pronuncia o orador christão sobre materias de religião. Seus caracteres principaes são: a gravidade, o calor e a uncção. Ha varias especies de discursos sagrados: 1.^o a oração funebre e o panegyrico de que já fallamos; 2.^o o sermão, 3.^o a pratica.



P. O que é o sermão?

R. O sermão é um discurso em que o orador evangelico, explica os dogmas da moral e da religião.

P. O que é a pratica?

R. E' um discurso em que se explica a epistola e o evangelho do dia. A Igreja viu brilhar em seu seio grandes oradores.

Origenes, S. Basilio, S. Gregorio Nazianzeno, S. João Chrysostomo, Tertuliano, Santo Ambrosio, Santo Agostinho, etc. A Igreja de França foi illustrada por Bossuet, Bourdaloue, Fénélon, Massilon e em nossos dias por Lacordaire, Ravignan e Didon.

Genero Judicial

P. Quaes são as partes relativas ao genero judicial?

R. São: 1.^o os requerimentos, isto é, os discursos que os magistrados pronunciam para requererem em nome da sociedade uma pena contra os delictos e os crimes. 2.^o Os arrazoados ou discursos que pronuncia o advogado encarregado de defender os in-



teresses de seu cliente. 3.^o As memorias, os discursos escriptos, que os advogados distribuem aos juizes nos negocios importantes. 4.^o as instrucções, que um advogado dá por escripto relativamente a um negocio sobre o qual foi consultado. 5.^o as relações de demandas ou discursos feitos por um dos juizes, para resumir os debates, balançar as provas de dois partidos adversos e por assim o tribunal em estado de pronunciar com imparcialidade.

As qualidades que convem ao genero judicial, são: elegancia do estylo, clareza e concisão.

F I M.



